

# BOLETIM AGROPECUÁRIO

Novembro/2017 – Nº 54





**Governador do Estado**  
João Raimundo Colombo

**Vice-Governador do Estado**  
Eduardo Pinho Moreira

**Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca**  
Moacir Sopelsa

**Presidente da Epagri**  
Luiz Ademir Hessmann

**Diretores**

Ivan Luiz Zilli Bacic  
Desenvolvimento Institucional

Jorge Luiz Malburg  
Administração e Finanças

Luiz Antônio Palladini  
Ciência, Tecnologia e Inovação

Paulo Roberto Lisboa Arruda  
Extensão Rural

**Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)**  
Reny Dorow



# Boletim Agropecuário

## **Autores desta edição**

Alexandre Luís Giehl  
Enilto de Oliveira Neubert  
João Rogério Alves  
Jurandi Teodoro Gugel  
Haroldo Tavares Elias  
Luis Augusto Araujo  
Rogério Goulart Junior  
Tabajara Marcondes



Florianópolis

2017

**Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)**

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5000

Site: [www.epagri.sc.gov.br](http://www.epagri.sc.gov.br)

E-mail: [epagri@epagri.sc.gov.br](mailto:epagri@epagri.sc.gov.br)

**Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)**

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5078

Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: [online@epagri.sc.gov.br](mailto:online@epagri.sc.gov.br)

**Coordenação**

Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

**Elaboração**

Alexandre Luís Giehl – Epagri/Cepa

Enilto de Oliveira Neubert – Epagri/DPI

João Rogério Alves – Epagri/Cepa

Haroldo Tavares Elias – Epagri/Cepa

Jurandi Teodoro Gugel – Epagri/Cepa

Luis Augusto Araujo – Epagri/Cepa

Rogério Goulart Junior – Epagri/Cepa

Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

**Colaboração:**

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)

Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa

Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)

Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)

Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)

Janice Waintuch Reiter – Epagri/Cepa

João Claudio Zanatta – Lages (UGT 3)

Marcia Mondardo – Epagri/Cepa

Mauricio E. Mafra – Ceasa/SC

Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)

Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa

Elvys Taffarel – São Miguel do Oeste (UGT 9)

Wilian Ricce – Epagri/Ciram

**Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)**

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

## APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), unidade de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário on-line. Ele reúne, em um único documento, as informações conjunturais dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina. Anteriormente, a publicação era editada por produto.

O objetivo deste documento é apresentar de forma sucinta as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende transformar-se em uma ferramenta capaz de auxiliar o produtor rural a vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <http://www.cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

**Luiz Ademir Hessmann**

Presidente da Epagri

## Sumário

<b>Artigo de opinião - Apenas um raio de sol.....</b>	<b>7</b>
<b>Fruticultura.....</b>	<b>9</b>
Banana .....	9
<b>Grãos .....</b>	<b>13</b>
Arroz .....	13
Feijão .....	16
Mandioca.....	18
Milho.....	22
Soja .....	25
Trigo.....	30
<b>Hortaliças .....</b>	<b>33</b>
Alho.....	33
Cebola .....	36
<b>Pecuária.....</b>	<b>40</b>
Avicultura.....	40
Bovinocultura .....	45
Suinocultura.....	49
Leite .....	55

## Artigo de opinião - Apenas um raio de sol

Luis Augusto Araujo  
Eng. Agrônomo, M.Sc - Epagri/Cepa  
laraujo@epagri.sc.gov.br

Há quase dois séculos, um homem assinou nossa independência. Esse decreto importantíssimo surgiu como um raio de sol, de esperança, para muitos brasileiros que não desfrutavam de uma vida digna e plena. Mas, quase duzentos anos depois, milhões de brasileiros ainda não desfrutam de uma vida plena e digna.

Em 2015, na conferência climática de Paris (COP21) foi estabelecido um acordo “Transformando nosso mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável” e um plano de ação a favor das pessoas, do planeta e da prosperidade. Nesse propósito, foram apontados cinco pilares (5Ps) que representam áreas de importância crítica para a humanidade: as pessoas, a prosperidade, a paz, o planeta e as parcerias. O pilar da prosperidade pretende garantir aos seres humanos desfrutar de uma vida digna, próspera e plena, e onde o avanço econômico, social e tecnológico ocorre em harmonia com a natureza.

Ainda nesse contexto, a proximidade do início da terceira década do Século 21 estimula algumas reflexões sobre os desafios da prática da gestão dos agronegócios e da agricultura familiar de Santa Catarina. Duas perguntas são decisivas para quem faz a prática da gestão: eles estão modificando seu estabelecimento agropecuário tão rápido como o mundo ao seu redor?; e, eles estão concebendo um agronegócio e agricultura familiar envolvente, que inspire a todos dar o melhor de si? Infelizmente, a resposta a essas questões deixa de ser positiva para muitos agricultores.

### A diversidade

Nos últimos dez anos, veja o que aconteceu com a renda agrícola de agronegócios e da agricultura familiar de Santa Catarina, que participam do programa “Propriedade Sustentável”<sup>1</sup>. Em média, a renda aumentou 27%, mas, um olhar atento aos números revela que alguns agronegócios experimentaram perdas de renda, enquanto outros obtiveram ganhos de renda superior a 100%.

Nem mesmo os agronegócios familiares considerados de “boa gestão” estão protegidos do embate existente entre o que fazem hoje e as mudanças da sociedade, da tecnologia, da economia e dos mercados. Além disso, os agronegócios e a agricultura familiar revelam uma grande variabilidade de sua renda, em decorrência das características de orientação de cada negócio agrícola e da disponibilidade dos seus recursos. Aqui reside o primeiro desafio da sua gestão: como transformar-se, respeitando sua singularidade. Este é o desafio da adaptabilidade.

---

<sup>1</sup>São parceiros do programa Propriedade Sustentável a Secretaria de Estado da Agricultura e da Pesca de Santa Catarina, a Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), a Souza Cruz, a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Santa Catarina (Fetaesc), a Federação da Agricultura de Santa Catarina (Faesc), a Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Rio Grande do Sul (Fetag), e, a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Paraná (Fetaep).

### As capacidades humanas

Na prática da gestão, o agricultor atua no plano das pessoas e precisa responder duas questões fundamentais: como ampliar as capacidades humanas para criar as condições que inspiram a elas, as pessoas, a dar o melhor de si?; e, como conciliar as capacidades humanas para que elas façam coletivamente, o que individualmente não poderiam fazer?

O depoimento de uma agricultora ajuda a exemplificar as preocupações anteriores. A agricultora participa de um grupo formado por 20 propriedades rurais de Canguçu/RS e chama esse grupo de “família dos 20, por que passamos a conhecer as propriedades dos outros e os projetos de cada um. Essa troca de conhecimento é muito positiva”. Certamente que esse sentimento de “família dos 20” contribuiu para ampliar e agregar as capacidades humanas ali presentes.

Os agricultores na prática da gestão precisam ser criativos e tornar a inovação função de todos, todos os dias. Este é o desafio da inovação e do engajamento.

### O raio de sol

O raio de sol a que me refiro não se relaciona a colocar tinta na caneta e assinar a independência de um País. Este raio de sol, que me refiro, afeta diretamente a você, não importando onde está e qual sua área de atuação. Ele afeta diretamente a todos os agricultores e a todos os consumidores catarinenses. Ele afeta também o bem-estar e a prosperidade de todos nós e de todas as gerações futuras.

O raio de sol mais intenso em favor das pessoas, da prosperidade e do planeta chama-se inovação em gestão. A inovação em gestão se relaciona às novas maneiras de organizar recursos, de ampliar e agregar as capacidades das pessoas e de formular estratégias, que estimulam a prosperidade de longo prazo do agronegócio e da agricultura familiar.

Como nos revelou São Francisco de Assis “Apenas um raio de sol é suficiente para afastar muitas sombras”.

De modo igual, num ambiente de mudanças e de forte concorrência, como observado no mundo rural catarinense, a inovação em gestão é o raio de sol; é o único meio do agricultor sobreviver no longo prazo; é o único meio do agronegócio e agricultura familiar renovar o seu contrato com as pessoas, a prosperidade e o planeta.



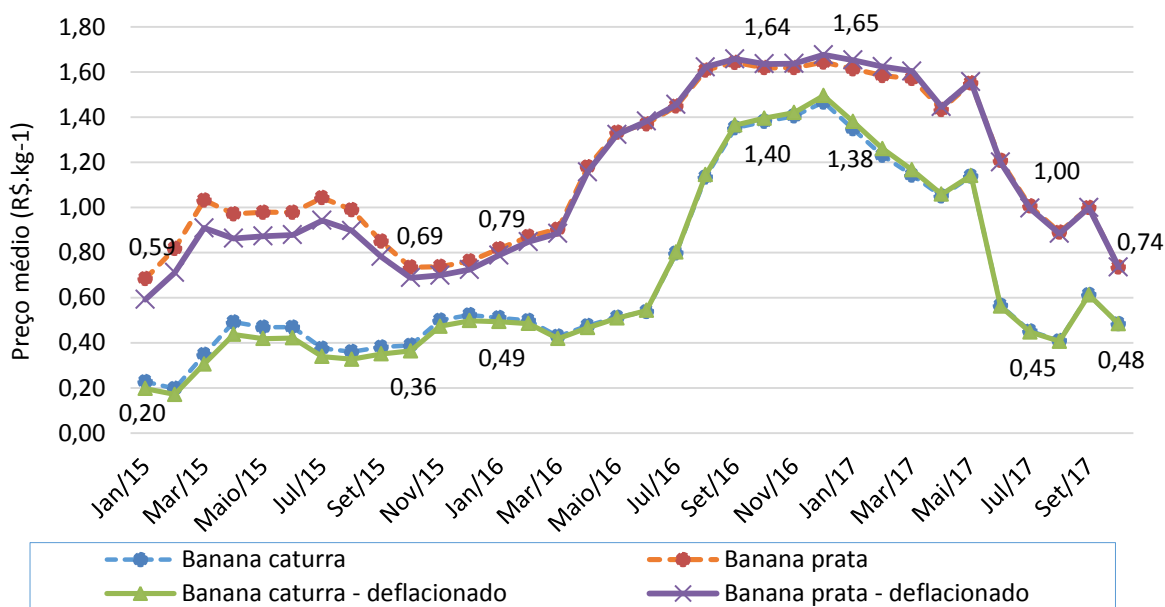
## Fruticultura

### Banana

Rogério Goulart Junior

Economista, Dr. - Epagri/Cepa

[rogeriojunior@epagri.sc.gov.br](mailto:rogeriojunior@epagri.sc.gov.br)



Fonte: Epagri/Cepa.

Nota: preços deflacionados (IGP-DI/FGV – outubro/17=100)

#### Banana - Evolução do preço mensal ao produtor em Santa Catarina – janeiro/15 a outubro/17

Entre janeiro a outubro de 2017, o preço mensal deflacionado da banana-caturra mantém retração de 65%. A oferta da fruta nos bananais continua alta o que mantém as cotações, em muitos casos, abaixo do custo médio de produção. No acumulado de 12 meses as cotações da banana-caturra, acima dos patamares de 2015, desvalorizaram 65,3% em relação ao preço de 2016. Em setembro de 2017, houve recuperação dos preços relacionada a melhoria na qualidade da fruta e aumento nas exportações, mas em níveis menores que o esperado para o período, o que contribuiu para a redução das cotações no mês de outubro, como forma de escoar a produção.

Em outubro de 2017, a banana-prata desvalorizou 26,3% as cotações em relação ao mês anterior, mantendo a tendência anterior. No acumulado de 12 meses os preços estão desvalorizados em 55,0%, com aumento relativo na oferta. A fruta mantém cotações próximas às de 2015 e com volumes maiores entre julho a outubro de 2017. A expectativa é que a demanda continue desaquecida com redução da oferta relativa, sendo esperada a recuperação dos preços na primeira quinzena de dezembro.

**Banana - Preço médio ao produtor (R\$.kg<sup>-1</sup>) nas principais praças de Santa Catarina – 2017**

Praça	Mês		Variação (%)
	Setembro	Outubro	
<b>Jaraguá do Sul</b>			
Caturra	0,46	0,35	<b>-24,8</b>
Prata	0,71	0,46	<b>-35,6</b>
<b>Sul Catarinense</b>			
Caturra	0,76	0,62	<b>-18,8</b>
Prata	1,29	1,01	<b>-21,3</b>

Nota: Valores em R\$ por cx. 20 a 22 kg transformados em R\$.kg<sup>-1</sup>.

Fonte: Epagri/Cepa e Conaban.

No Norte Catarinense o preço ao produtor iniciou o mês de setembro com redução no volume produzido e recuperação nas cotações. Mas, em outubro houve aumento da produção com temperaturas altas durante o dia e aumento da umidade, o que favoreceu o desenvolvimento dos cachos. A estratégia dos bananicultores foi reduzir as cotações como forma de escoar o excedente produzido no período.

No Sul Catarinense, após os efeitos da estiagem no mês de setembro os preços recuperaram com a redução relativa na oferta regional. Contudo, em outubro, com aumento do volume produzido na roça, as cotações voltaram a se desvalorizar e, em muitos casos, abaixo dos custos médios de produção.

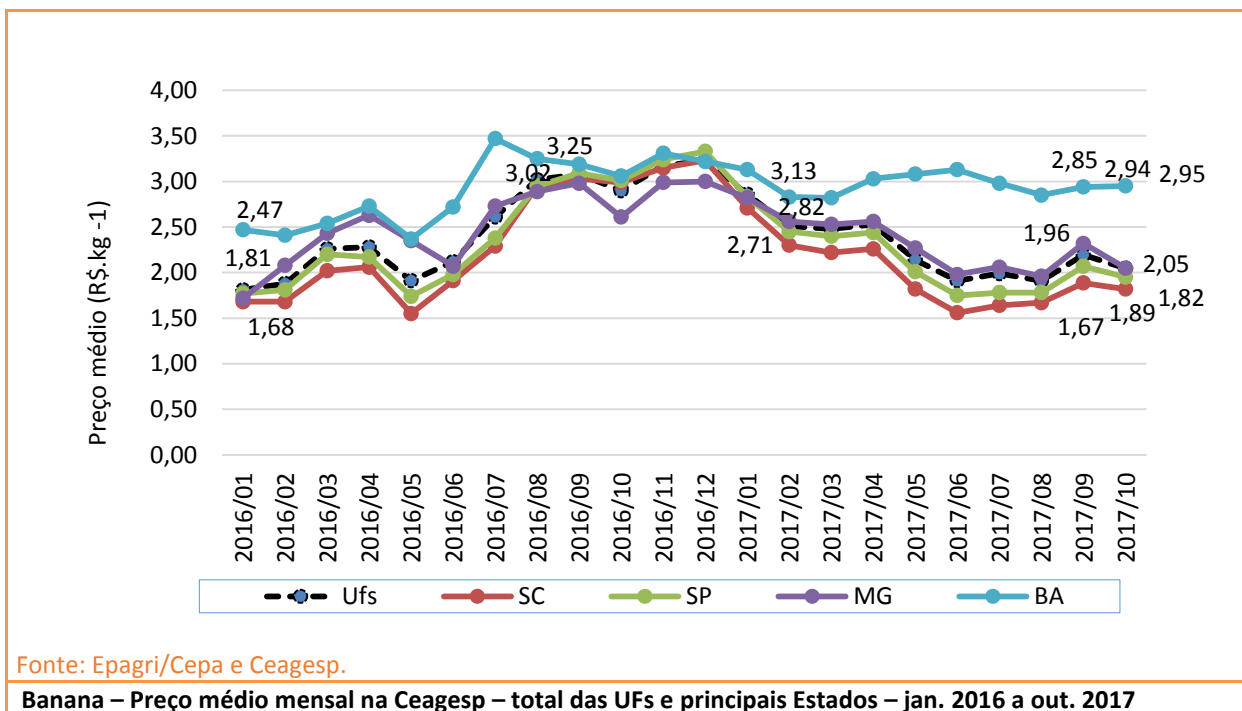
**Banana - Preço médio no atacado (R\$.kg<sup>-1</sup>) nas principais praças de Santa Catarina – 2017**

Praça	Mês		Variação (%)
	Setembro	Outubro	
<b>Florianópolis (Ceasa)</b>			
Caturra	1,19	1,16	<b>-2,4</b>
Prata	1,67	1,48	<b>-11,4</b>
<b>Jaraguá do Sul</b>			
Caturra	1,18	0,95	<b>-19,3</b>
Prata	1,65	1,27	<b>-23,0</b>
<b>Sul Catarinense</b>			
Caturra	1,30	1,19	<b>-8,5</b>
Prata	1,90	1,63	<b>-14,4</b>

Nota: Valores em R\$ por cx. 18 a 20 kg transformados em R\$.kg<sup>-1</sup>.

Fonte: Epagri/Cepa e Conaban.

No atacado permanece a tendência de redução dos preços devido a contração da demanda pela fruta no mercado com redução do volume comercializado. A concorrência com frutas da estação e os feriados de setembro e outubro reduziram as negociações no entreposto, com aumento dos estoques no mercado e da pressão para desvalorização das cotações da fruta. A expectativa é a valorização nos preços da fruta catarinense apenas no final de novembro.



Fonte: Epagri/Cepa e Ceagesp.

**Banana – Preço médio mensal na Ceagesp – total das UFs e principais Estados – jan. 2016 a out. 2017**

Em outubro de 2017, o volume total comercializado na Ceagesp acumulado em 12 meses, está 13,4% maior, ou seja, foi comercializada mais de 718 toneladas da fruta que no ano anterior. No mesmo período, a oferta da banana catarinense aumentou 100% em relação à 2016, representando 40% do acréscimo da quantidade negociada na central paulistana. Entre setembro e outubro de 2017, a participação catarinense oscilou de 10,5% a 9,4% da quantidade total negociada no entreposto, com preço 14% e 11% , respectivamente, abaixo do preço médio do mercado atacadista. A expectativa é de redução nos preços para escoar dos estoques atacadistas.

**Banana - Preço médio ao produtor (R\$.kg<sup>-1</sup>)\* nas principais praças do Brasil – 2017**

Praça	Mês		Variação (%)
	Setembro	Outubro	
<b>Bom Jesus da Lapa (BA)</b>			
Nanica	0,92	0,81	-12,1
Prata	1,26	0,88	-30,1
<b>Norte de Minas Gerais (MG)</b>			
Nanica	0,92	0,81	-12,2
Prata	1,32	0,80	-39,2
<b>Vale do Ribeira (SP)</b>			
Nanica	0,97	0,82	-15,6
Prata	1,19	0,78	-34,6
<b>Vale do São Francisco (BA e PE)</b>			
Nanica	...	...	...
Prata	1,17	0,79	-32,4

(\*) Preço médio mensal em R\$.kg<sup>-1</sup>.

Fonte: Epagri/Cepa adaptado de CEPEA/Esalq/USP.

As regiões nordestinas de Pernambuco e Bahia reverteram a redução na oferta nos bananais no início de setembro, com aumento da produção devido as temperaturas altas e a ocorrência de precipitações com aumento nos níveis dos reservatórios. Em Minas Gerais, São Paulo e Santa Catarina a oferta na roça permanece elevada mantendo a desvalorização dos preços como forma de escoar a produção, mesmo com frutas de melhor qualidade e calibre. A expectativa é de recuperação nas cotações apenas no final de novembro, com recuperação sazonal da demanda antes do final de ano.

**Banana – Santa Catarina – Comparativo da safra 2015/16 em relação à safra 2016/17**

Santa Catarina - Principais MRG com cultivo de Banana	Safra anterior – 2015/16			Estimativa inicial – 2016/17			Estimativa atual – 2016/17			Var. estimativa atual / safra anterior (%)		
	Área Plant. (ha)	Produção (t)	Rend. Médio (kg.ha <sup>-1</sup> )	Área Plant. (ha)	Produção (t)	Rend. Médio (kg.ha <sup>-1</sup> )	Área Plant. (ha)	Produção (t)	Rend. Médio (kg.ha <sup>-1</sup> )	Área Plant.	Quant. Prod.	Rend. Médio
Blumenau	4.254	159.806	37.566	4.253	159.819	37.581	4.253	151.828	35.699	0,0	-5,0	-5,0
Itajaí	3.925	122.900	31.312	3.924	122.844	31.306	3.924	122.844	31.306	0,0	0,0	0,0
Joinville	12.714	354.311	27.868	12.719	354.239	27.859	12.715	354.238	27.859	0,0	0,0	0,0
Araranguá	5.094	51.315	10.074	5.095	51.329	10.080	5.092	51.329	10.080	0,0	0,0	0,0
Criciúma	1.379	23.649	17.146	1.380	23.643	17.139	1.380	21.870	15.848	0,1	-7,5	-7,6
Tubarão	73	695	9.521	73	694	9.507	73	694	9.507	0,0	-0,1	-0,1
Outras	1.048	22.647	21.610	1.037	22.554	21.744	1.037	22.554	21.744	-1,0	-0,4	-0,4
<b>Total</b>	<b>28.487</b>	<b>735.323</b>	<b>25.813</b>	<b>28.481</b>	<b>735.122</b>	<b>25.811</b>	<b>28.474</b>	<b>725.357</b>	<b>25.474</b>	<b>0,0</b>	<b>-1,4</b>	<b>-1,3</b>

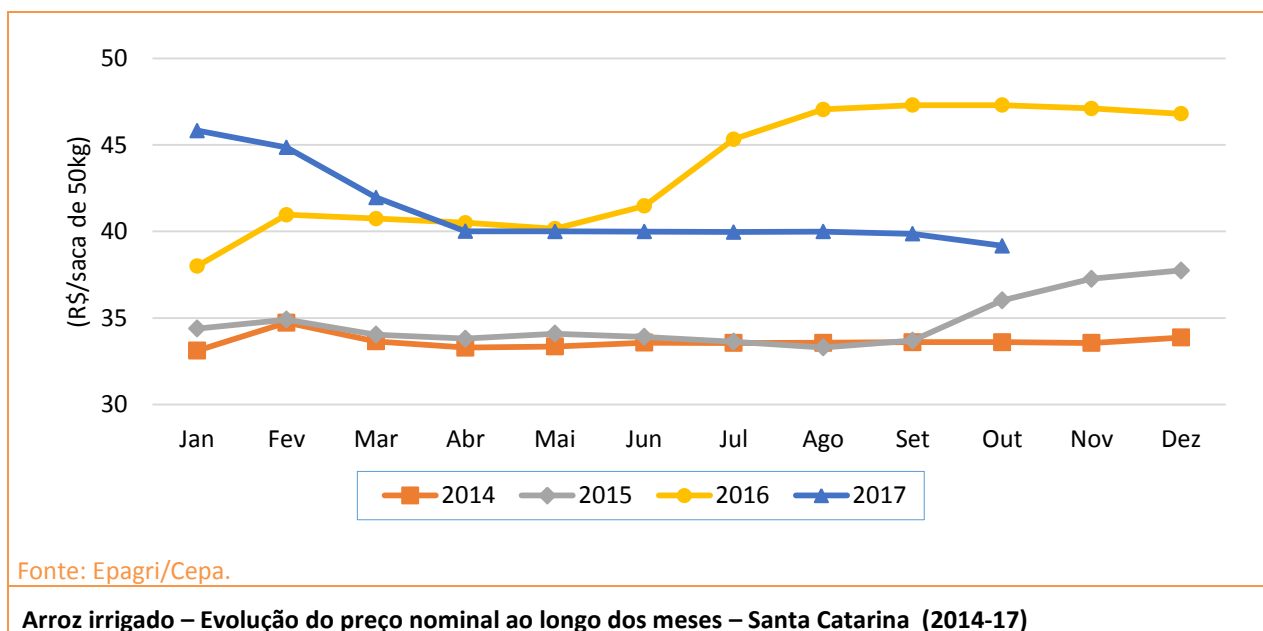
Fonte: Epagri/Cepa.

## Grãos

### Arroz

João Rogério Alves  
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa  
[joaoalves@epagri.sc.gov.br](mailto:joaoalves@epagri.sc.gov.br)

A safra 2017/2018 de arroz irrigado em Santa Catarina segue com significativa evolução na semeadura no mês de outubro. Nossos levantamentos indicam que cerca de 97% da área destinada ao plantio para esta safra já foram semeados, o que representa cerca de 143.394ha. As regiões mais adiantadas e que já concluíram a semeadura são o Litoral Norte Catarinense, Alto Vale e microrregião de Araranguá, restando áreas a serem semeadas nas microrregiões de Tubarão e Criciúma, mas tudo dentro da normalidade para a época do ano. Quanto a preços, o mercado permanece calmo sem grandes oscilações nos preços pagos ao produtor. Em Santa Catarina na comparação entre os meses de setembro e outubro, a variação foi negativa em 1,73%. Na comparação com o mesmo mês de outubro do ano passado, as perdas chegam a 17,19% em termos nominais.



No Estado vizinho, os rizicultores gaúchos tiveram no último mês uma redução de cerca de 5,13% no preço pago ao produtor. Na comparação com o mesmo período do ano passado, as perdas chegam a 26,19%. No Mato Grosso e Tocantins, estados que comercializa arroz em casca em sacas de 60kg, o mercado também registrou queda no preço pago ao produtor no último mês, entre setembro e outubro a queda foi de 5,02 e 5,11, respectivamente. Analisando uma série maior de meses, podemos observar que em comparação a outubro de 2016, a diferença com os preços praticados atualmente chega a 40,83% para o Mato Grosso e 27,30% para o Tocantins.

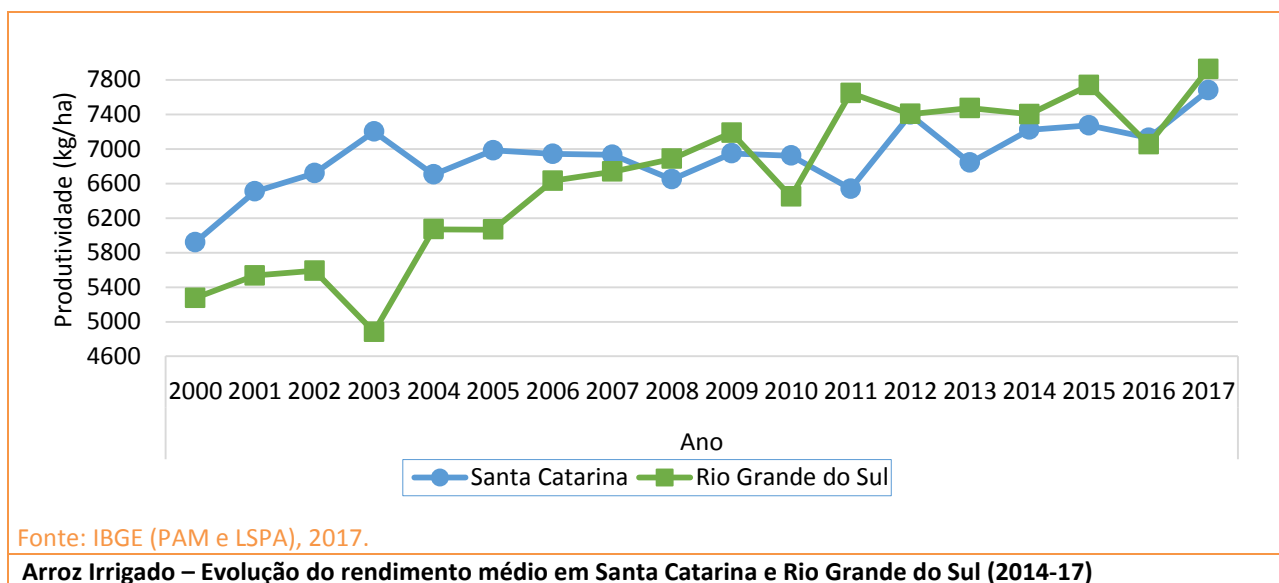
**Arroz – Evolução do preço médios mensal pago ao produtor safra 2017/18 – R\$/saca**

Estado	Set./2017	Out./2017	variação (%)	Out./2016	Variação (%)
Santa Catarina	39,86	39,17	-1,73	47,30	-17,19
Rio Grande do Sul	38,76	36,77	-5,13	49,82	-26,19
Mato Grosso	43,19	41,02	-5,02	69,33	-40,83
Tocantins	50,86	48,26	-5,11	66,38	-27,30

Nota: SC e RS = arroz irrigado em casca sc 50kg, MT e TO = arroz sequeiro sc 60kg.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), Agrolink (RS/MT/TO).

Quanto à produtividade das lavouras de arroz irrigado, é possível observar uma tendência de aumento das produtividades médias ao longo dos últimos 10 anos. Existe grande similaridade na evolução dos rendimentos médios entre os dois principais estados produtores do País, sendo notório também a influência do clima sobre esta variável, em anos em que tivemos problemas climáticos, seja por excesso de chuvas ou por estiagens, tiveram comportamento similar para a maioria dos anos safra. Analisando os extremos da série, a evolução na produtividade em Santa Catarina foi de cerca de 30%, enquanto no Rio Grande do Sul esse incremento chegou a cerca de 50%. O uso de novos sistemas de produção, aliado a adoção de variedades mais produtivas e ao uso intensivo de insumos são aspectos que justificam esse significativo incremento no rendimento médio.



Fonte: IBGE (PAM e LSPA), 2017.

**Arroz Irrigado – Evolução do rendimento médio em Santa Catarina e Rio Grande do Sul (2014-17)**

Em Santa Catarina a etapa de semeadura do arroz irrigado está chegando ao seu término. Para esta safra é esperado uma produção de cerca de 1,17 milhão de toneladas, número muito próximo ao que foi colhido na safra passada. Ao que tudo indica, não teremos problemas com o clima entre novembro/17 e janeiro/18, os modelos de previsão climática indicam que para a Região Sul do País, a probabilidade maior é de que as chuvas fiquem na faixa da normalidade ou um pouco acima dela. Entretanto, os dados revelam que neste início de trimestre, portanto novembro, poderá ocorrer chuvas abaixo da média histórica para os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

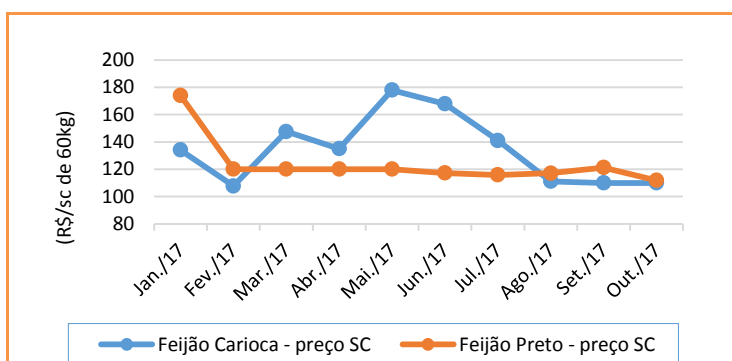
Arroz Irrigado – Comparativo safra 2016/17 e safra 2017/18 – Santa Catarina									
Microrregião	Safra 2016/17			Safra 2017/18 (estimativa atual)			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	51.730	401.179	7.755	51.730	398.119	7.696	0,00	-0,76	-0,76
Blumenau	8.379	72.962	8.708	8.376	67.345	8.040	-0,04	-7,70	-7,66
Criciúma	20.857	167.558	8.034	20.857	166.692	7.992	0,00	-0,52	-0,52
Florianópolis	3.095	17.336	5.601	2.660	17.336	6.517	-14,05	0,00	16,35
Itajaí	9.261	76.190	8.227	9.261	73.128	7.896	0,00	-4,02	-4,02
Ituporanga	269	2.152	8.000	277	2.493	9.000	2,97	15,85	12,50
Joinville	20.036	167.916	8.381	20.036	164.871	8.229	0,00	-1,81	-1,81
Rio do Sul	10.759	89.384	8.308	10.702	99.108	9.261	-0,53	10,88	11,47
Tabuleiro	146	1.238	8.479	146	1.238	8.479	0,00	0,00	0,00
Tijucas	2.690	20.300	7.546	2.690	20.300	7.546	0,00	0,00	0,00
Tubarão	21.094	160.020	7.586	21.094	159.613	7.567	0,00	-0,25	-0,25
<b>Santa Catarina</b>	<b>148.316</b>	<b>1.176.234</b>	<b>7.931</b>	<b>147.829</b>	<b>1.170.242</b>	<b>7.916</b>	<b>-0,33</b>	<b>-0,51</b>	<b>-0,18</b>

Fonte: Epaagri/Cepa (Outubro/2017).

## Feijão

João Rogério Alves  
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa  
[joaoalves@epagri.sc.gov.br](mailto:joaoalves@epagri.sc.gov.br)

Com a melhora do tempo e a volta das chuvas no mês de outubro as culturas de verão tiveram aumento significativo na evolução da área semeada. Lavouras como feijão, milho e soja, estão em pleno desenvolvimento. O caso do feijão<sup>1ª</sup> safra até a semana de 29/10 a 04/11, cerca de 53% da área destinada ao plantio da leguminosa já havia sido semeada. O ponto negativo é a baixa temperatura noturna observada nas últimas semanas, que associada a alta nebulosidade diurna em algumas regiões do estado, diminui o número de horas de luz disponível para as plantas, resultando em redução no desenvolvimento das lavouras. Em relação às variedades de feijão-carioca e feijão-preto, segundo dados do IBGE, em primeira safra cerca de 54% da área cultivada deverá ser com feijão-carioca e outros 46% deverão ser com feijão-preto, sendo que até o momento dos 53% de área já semeados a maior parte é com feijão-preto, uma vez que o cultivo do feijão-carioca encontra-se ainda no início, sendo poucas as lavouras já implantadas. Lavouras essas localizadas em grande parte nas regiões com clima mais frio como o Planalto Sul, Planalto Serrano e Meio-Oeste Catarinense, onde o plantio se dá mais tarde.



Fonte: Epagri/Cepa.

**Feijão – Evolução do preço médio mensal pago ao produtor de feijão carioca (Joaçaba/SC) e feijão preto (Canoinhas/SC) – janeiro/2017 a outubro/2017**

**Feijão – Evolução do preço médios mensal pago ao produtor safra 2017/18 – R\$/saca de 60kg**

Estado	Tipo	Set./17	Out./17	variação (%)	Out./16	variação (%)
Santa Catarina	Feijão Carioca	110,00	110,00	0,00	241,05	-54,37
Paraná		94,07	89,96	-4,37	244,58	-63,22
São Paulo		125,98	127,23	0,99	261,60	-51,36
Goiás		119,74	113,22	-5,45	267,95	-57,75
Santa Catarina	Feijão Preto	121,24	111,90	-7,70	195,00	-42,62
Paraná		112,41	109,64	-2,46	208,51	-47,42
Rio G. do Sul		130,81	132,45	1,25	209,31	-36,72

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Agrolink (RS e SP).

Na praça de Joaçaba, referência para tomada de preços para o feijão-carioca no Estado, o preço mais comum para a saca de 60kg permaneceu estável entre os meses de setembro e outubro, ficando em R\$ 110,00/saca 60kg pago ao produtor. Apresentaram maiores quedas no mês de outubro em relação a setembro as cotações nos estados de Goiás (-5,45%) e Paraná (-4,37%). Cabe destacar que nos últimos 12 meses as cotações despencaram, em outubro de 2016 a saca de 60kg estava cotada em Santa Catarina a R\$ 242,05, uma redução no período de cerca de 54%, no estado do Paraná a redução foi ainda maior, cerca de 63%, passando de R\$ 244,58 para R\$ 89,96 em outubro de 2017.

Para o feijão-preto, em Santa Catarina os preços tiveram pequena baixa de 7,7% neste mês de outubro em comparação a setembro, comportamento semelhante aos preços no Rio Grande do Sul. Em relação a um ano atrás, a redução no preço pago ao produtor catarinense pela saca de 60kg chega a cerca de 42,6%.

Nesse mês de outubro mais uma vez atualizamos nossos números de estimativa de safra para a cultura do feijão 1ª safra. Deverá ser colhido no estado cerca de 94.606 toneladas, número praticamente idêntico ao



que foi obtido na safra passada. Já o rendimento deverá cair um pouco, cerca de 2%, muito em função do clima um pouco mais frio do que o normal para essa época do ano. Nas microrregiões de Joaçaba e Curitiba, importantes regiões produtoras de feijão no estado, o plantio já alcançou percentuais de 13 e 23%, respectivamente. Para essa primeira safra, cerca de 54% da área plantada será com o tipo feijão-carioca, e 46% de feijão-preto. Para a microrregião de Curitiba, das cerca de 20 mil toneladas esperadas para esta safra, cerca de 18,5 mil toneladas são do tipo feijão-carioca. Já na microrregião de Lages, das 18 mil toneladas esperadas, cerca de 11 mil toneladas serão de feijão-carioca e cerca de 7 mil toneladas deverão ser de feijão-preto.

**Feijão 1ª safra – Comparativo de safra 2016/17 e 2017/18**

Microrregião	Safra 2016/2017			Estimativa - Atual safra 2017/2018			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	107	115	1.073	98	96	979	-8	-16	-9
Blumenau	164	168	1.024	164	164	1.000	0	-2	-2
Campos de Lages	9.520	20.192	2.121	9.470	18.099	1.911	-1	-10	-10
Canoinhas	6.160	13.450	2.183	6.000	12.746	2.124	-3	-5	-3
Chapecó	2.362	5.051	2.138	2.828	6.122	2.165	20	21	1
Concórdia	411	627	1.526	596	1.055	1.770	45	68	16
Criciúma	1.076	1.346	1.251	396	453	1.144	-63	-66	-9
Curitibanos	10.095	21.026	2.083	9.095	19.967	2.195	-10	-5	5
Florianópolis	140	185	1.321	131	171	1.305	-6	-8	-1
Itajaí	7	8	1.143	9	11	1.222	29	38	7
Ituporanga	931	1.857	1.995	1.107	2.212	1.998	19	19	0
Joaçaba	3.733	7.019	1.880	3.683	6.905	1.875	-1	-2	0
Joinville	14	10	714	14	10	714	0	0	0
Rio do Sul	602	992	1.648	684	1.112	1.626	14	12	-1
São Bento do Sul	445	838	1.883	500	880	1.760	12	5	-7
São M. do Oeste	1.297	2.673	2.061	2.587	4.154	1.606	99	55	-22
Tabuleiro	400	442	1.105	485	544	1.122	21	23	2
Tijucas	264	426	1.614	204	374	1.833	-23	-12	14
Tubarão	1.057	1.503	1.422	1.033	1.340	1.297	-2	-11	-9
Xanxerê	7.035	16.634	2.364	7.767	18.192	2.342	10	9	-1
<b>Santa Catarina</b>	<b>45.820</b>	<b>94.562</b>	<b>2.064</b>	<b>46.851</b>	<b>94.606</b>	<b>2.019</b>	<b>2</b>	<b>0</b>	<b>-2</b>

Fonte: Epagri/Cepa, IBGE/LSPA - SC (Outubro/2017).

## Mandioca

Haroldo Tavares Elias, Eng. Agr. Dr. - Epagri/Cepa  
 hteliass@epagri.sc.gov.br

Enilto de Oliveira Neubert, Eng. Agr. MsC – Epagri/DPI  
 enilto@epagri.sc.gov.br

O cultivo de mandioca é realizado em todas as regiões do Brasil e sua produção se destina a diferentes finalidades. No Norte/Nordeste, está ligada a fatores culturais e de subsistência. No Centro-Sul, predomina o consumo *in natura* e a industrialização (agregação de valor). Apesar das diferenças, os mercados são fortemente interligados no Brasil e os ganhos de produtividade são diferentes entre as regiões ao longo dos anos. Nos últimos anos, observa-se uma tendência de redução da área colhida no Brasil. Entre a safra de 2013 e 2017 a área colhida reduziu em cerca de 10% (Tabela 1). Estas reduções se devem à instabilidades nos preços da raiz, à falta de mão de obra no campo e aos esforços que a atividade exige da mão de obra disponível, à concorrência com outras culturas e atividades, como soja, milho e pecuária e, ainda, à ausente solução para a mecanização total da colheita. A ocorrência de eventos climáticos que comprometam a produção de ramas também impede plantios em alguns anos.

Em Santa Catarina, esta redução também acontece, no período 2013 a 2017 a foi em torno de 25%, diminuindo de 29.000 ha para 22.000 ha (Tabela 1).

**Tabela 1. Raiz de mandioca – Safra do Brasil e dos principais estados – Safras 2012–2017**

Estado	Área colhida (1.000ha)					Quantidade produzida (1.000t)				
	2013	2014	2015	2016	2017	2013	2014	2015	2016 <sup>(1)</sup>	2017 <sup>(1)</sup>
<b>Brasil</b>	<b>1.526</b>	<b>1.568</b>	<b>1.512</b>	<b>1.463</b>	<b>1.367</b>	<b>21.484</b>	<b>23.242</b>	<b>22.784</b>	<b>23.004</b>	<b>20.145</b>
Pará	302	344	308	351	295	4.622	4.915	4.696	6.051	4.215
Paraná	156	157	159	147	295	3.760	3.959	4.302	3.888	2.794
Bahia	179	194	190	170	158	1.854	2.131	1.854	1.870	1.739
Amazonas	81	75	71	75	86	941	847	591	864	832
Maranhão	190	188	174	156	151	1.325	1.619	1.482	1.305	1.325
Acre	44	43	38	40	39	939	1.240	1.145	1.151	1.114
São Paulo	54	55	50	49	58	1.323	1.317	1.330	1.219	1.096
Rio Grande do Sul	71	69	66	63	59	1.166	1.181	1.150	1.108	1.062
Minas Gerais	59	60	59	58	57	815	852	851	844	852
Mato Grosso do Sul	33	40	44	45	35	722	873	1.004	739	760
Rondônia	28	25	26	29	29	447	532	574	665	760
Ceará	66	61	59	118	58	300	478	359	387	459
<b>Santa Catarina</b>	<b>29</b>	<b>23</b>	<b>29</b>	<b>21</b>	<b>22</b>	<b>551</b>	<b>443</b>	<b>424</b>	<b>386</b>	<b>442</b>
Outros	234	234	239	141	25	2.719	2.855	3.022	2.527	2.695

Fonte: IBGE.

Apesar da redução da área colhida, a quantidade produzida permanece praticamente estável nos últimos anos, muito em função da elevação dos níveis de produtividade, que de 2010 para 2015 aumentou em torno de 1.200 kg/ha. Em Santa Catarina, a produtividade teve evolução semelhante, porém o rendimento é bem superior ao nacional (Tabela 2). Cabe observar que os dados sobre produtividade representam o quociente resultante da divisão da produção total de raízes colhidas pelo total da área colhida, não levando em conta se a colheita se deu no primeiro ou no segundo ciclo da cultura, este último e em tese, sempre com maior rendimento.

**Tabela 2. Mandioca - Rendimento médio da produção - Kg/ha**

Brasil e Unidade da Federação	Anos					
	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Brasil	13.949	14.623	13.612	14.080	14.828	15.244
Santa Catarina	18.063	18.425	18.229	19.302	18.954	19.217

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal, 2017.

Os cultivos para fins de processamento para produção de farinha, fécula e polvilho azedo concentram-se nas regiões do Sul Catarinense, do Vale e Alto Vale do Itajaí e em alguns municípios da Grande Florianópolis. Ressalta-se a forte redução da área de plantio na região de Tubarão nos últimos anos, superior a 50% de 2013 para 2016 (Tabela 3. Síntese 2017, no prelo), substituída em parte pelas culturas de milho, soja e pastagens.

**Tabela 3. Raiz de mandioca – Safra de Santa Catarina por microrregião geográfica – Safras 2012-16**

SC/MRG	Área colhida (1.000ha)					Quantidade produzida (1.000t)				
	2012	2013	2014	2015	2016	2012	2013	2014	2015	2016
Araranguá	1.917	2.080	2.490	2.505	2.282	30.460	34.795	41.785	42.015	29.487
Blumenau	2.537	2.254	2.009	1.422	1.589	46.548	43.201	40.153	23.510	26.870
C. de Lages	66	66	66	64	57	866	866	866	961	716
Canoinhas	200	200	8	8	8	3.200	3.200	128	120	120
Chapecó	3.638	4.273	3.154	3.193	2.895	69.416	85.251	59.856	61.231	55.386
Concórdia	1.153	599	399	389	374	13.518	12.890	8.415	8.715	8.315
Criciúma	505	459	415	283	322	8.525	6.978	7.880	4.907	5.769
Curitibanos	94	92	92	83	83	1.563	1.537	1.537	1.432	1.432
Florianópolis	1.085	1.010	810	840	820	15.535	21.415	16.115	16.770	16.170
Itajaí	449	389	449	470	347	8.544	7.994	8.406	7.269	5.036
Ituporanga	460	425	425	395	345	11.775	10.825	10.775	9.925	10.575
Joaçaba	340	338	338	338	337	5.569	5.625	5.625	5.765	5.753
Joinville	2.394	1.804	1.805	1.809	1.637	44.590	35.834	23.254	30.334	30.550
Rio do Sul	2.180	2.045	1.743	1.693	1.420	50.715	47.445	42.135	41.525	38.725
São B. do Sul	90	64	55	55	55	1.420	1.004	860	860	860
São M. Oeste	1.715	2.035	1.585	1.535	1.390	35.885	42.815	33.315	32.210	29.855
Tabuleiro	380	380	430	430	370	7.300	7.300	8.300	8.300	8.300
Tijucas	1.365	1.435	1.380	1.330	1.335	23.850	25.650	24.450	25.850	24.410
Tubarão	7.942	8.091	5.243	4.847	4.452	141.575	147.930	100.957	93.337	87.768
Xanxerê	545	525	501	489	513	8.794	8.794	8.650	8.670	8.970
<b>Santa Catarina</b>	<b>29.055</b>	<b>28.564</b>	<b>23.397</b>	<b>22.178</b>	<b>20.631</b>	<b>529.648</b>	<b>551.349</b>	<b>443.462</b>	<b>423.706</b>	<b>395.067</b>

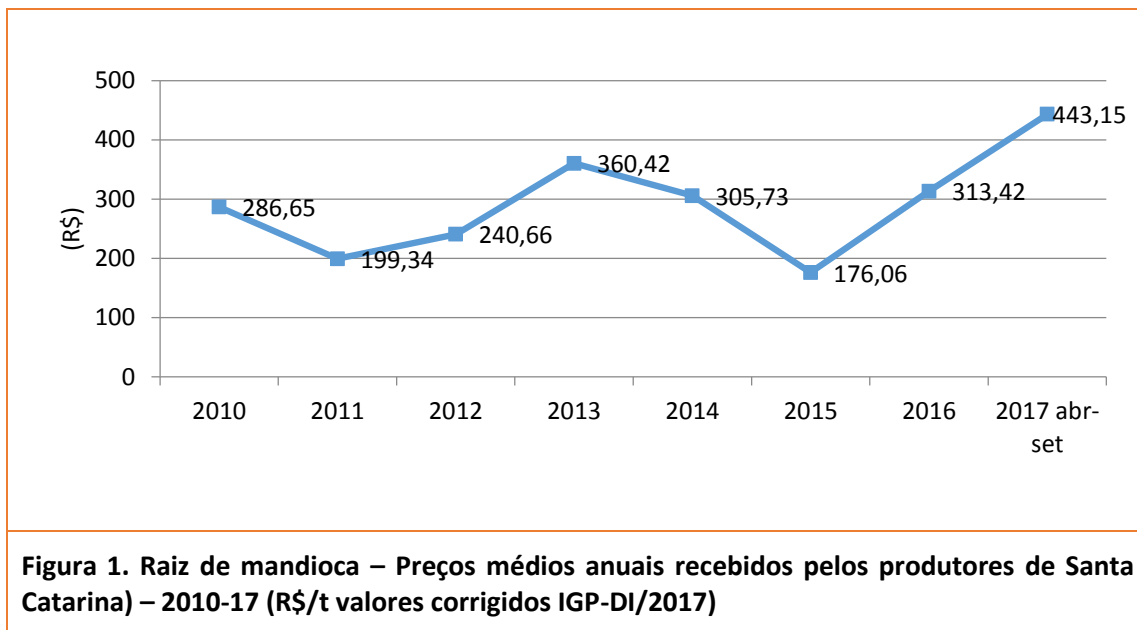
Fonte: IBGE/Epagri/Cepa. 2016, (estimativa).

### Mandioca em novo momento no estado

O ano de 2017 reservou notícias promissoras para a cultura. Um dos fatores que determinaram a valorização do produto foi a reação dos preços a partir de 2016. A evolução dos preços da raiz ocorre desde junho de 2016. Neste ano, o preço médio da raiz pago ao produtor foi de R\$ 313,00/tonelada. Já em 2017 o preço médio pago ao produtor é de R\$ 443,15/t, até o momento.

No estado do Paraná, onde as indústrias ainda processam raízes nessa época, os preços da mandioca que atingiram patamares recordes na última semana de outubro, seguem firmes. Muitos dos produtores que ainda possuem mandioca disponível para comercialização têm priorizado o plantio, devido às recentes chuvas, mantendo baixa a oferta de raízes no mercado. Nesse cenário, a disputa da indústria pela matéria-

prima continuou elevada, sustentando os valores. De 2 a 6 de outubro, o valor médio nominal a prazo para a tonelada posta na feccularia foi de R\$ 598,94; ultrapassando a R\$ 600,00/t no início de novembro 2017<sup>2</sup> nas principais regiões produtoras.



### A valorização do produto tem estimulado novos investimentos e ampliação da produção

Em alguns municípios de Santa Catarina, o setor vem retomando os investimentos; nos quais predominam o uso de recursos próprios, mas que também contam com apoio de iniciativas governamentais. Em Jaguaruna, por exemplo, o Programa SC Rural tem investido na reestruturação de novos engenhos de farinha. Ainda nesse município, estão sendo construído três novas unidades de beneficiamento- farinhas, com capacidade cada uma de processar 1.000 toneladas ao ano, absorvendo em cada unidade 50 hectares de produção da região, o que tem incentivado a ampliação de área de cultivo para próxima safra de 10-15% relativo a safras anterior (Relato Eng. Agr. Emerson Evald - Epagri - Jaguaruna).

Em Sangão, uma feccularia tem ampliado e diversificado sua produção, sendo a primeira a produzir tapioca no Estado (com mercado crescente deste produto em virtude de mudança de hábito de consumo). A iniciativa desse empreendedor tem estimulado a produção de mandioca na região do Extremo Sul do Estado (Araranguá e Sombrio), na medida em que já assegura contratos de aquisição de mandioca, com preço fixado em R\$ 500,00 a tonelada para março/abril de 2018. Esta é uma garantia ao produtor que terá perspectiva de trabalhar conforme sua capacidade de investimento e gestão da produção.

Em Sombrio e demais municípios do Sul do Estado, motivados pelo cenário nacional, em especial pela redução de área cultivada com mandioca no Estado do Paraná, principal fornecedor de subprodutos da mandioca (farinha, fécula e polvilho), tem estimulado acréscimo de plantios. A estimativa de aumento da área cultivada em alguns desses municípios é de 10%. Além disto, as indústrias produtoras de polvilho azedo estão dando sequência nas adequações à legislação ambiental e atuando de forma muito determinada na regularização das unidades de processamento às normas sanitárias. Estas iniciativas

<sup>2</sup> <https://www.cepea.esalq.usp.br/br>

elevam a indústria Catarinense de polvilho azedo a uma posição ainda mais destacada no cenário nacional e ofertam aos consumidores um produto de alta qualidade e segurança. Fatos como estes se constituem num diferencial competitivo e estimulam a sustentabilidade da produção de mandioca e derivados na Região Sul do Estado (Informações de Sandoval Ferreira, Extensionista da Epaagri – Sombrio).

Em São João do Sul, extremo sul do Estado, está em operação um Engenho para a produção de farinha orgânica, que pode beneficiar cerca de 1.000 t/ano, produção de 50 Hectares. O agricultor que apostou nessa produção diferenciada recebeu valor superior a R\$ 500,00/t de raiz, agregando valor ao produto (relato Eng. Agr. Diego Adílio da Silva, Epaagri - São João do Sul).

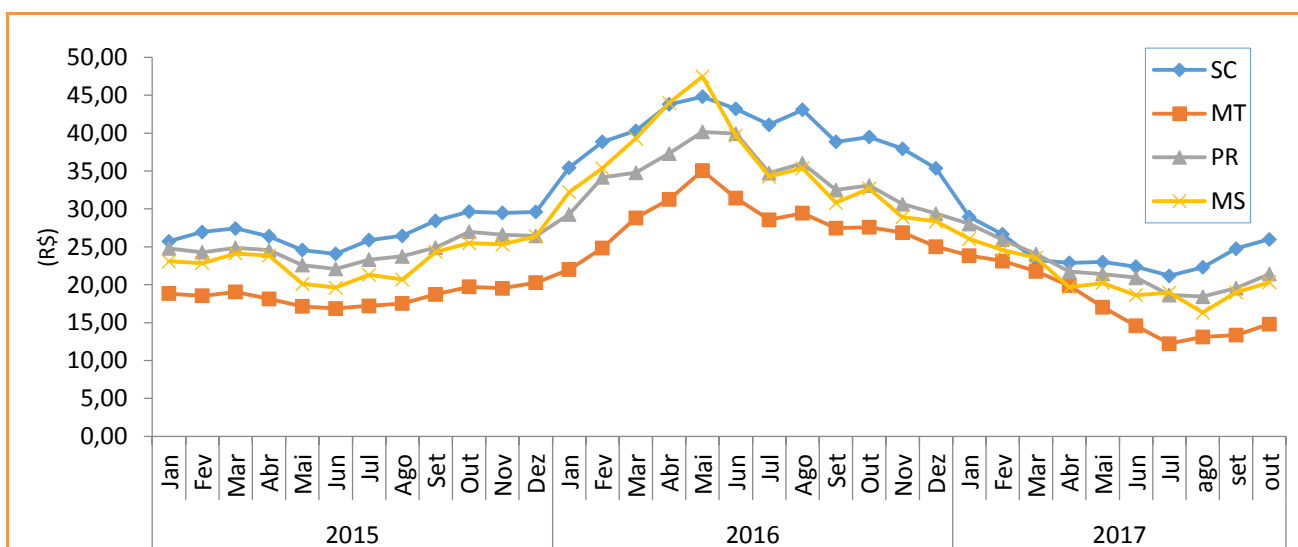
No Alto Vale do Itajaí, as perspectivas também melhoram, com estimativa de ampliação da área de cultivo em 10% na Região para a safra 2017/18, algumas fecularias estão se movimentando para qualificar a produção e diversificar as atividades.

Por tudo isto, a atividade de produção de mandioca e subprodutos está ganhando novo impulso para a produção no Estado, que representa atividade para milhares de famílias.

## Milho

Haroldo Tavares Elias  
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa  
[htelias@epagri.sc.gov.br](mailto:htelias@epagri.sc.gov.br)

No mês de outubro, os preços de milho nos principais estados produtores continuaram apresentando reação de alta, visto que até julho os preços vinham apresentando recuo. Em Mato Grosso, Paraná e Santa Catarina as cotações em outubro registraram R\$ 14,80/sc, R\$ 21,41/sc e R\$ 26,00 respectivamente.



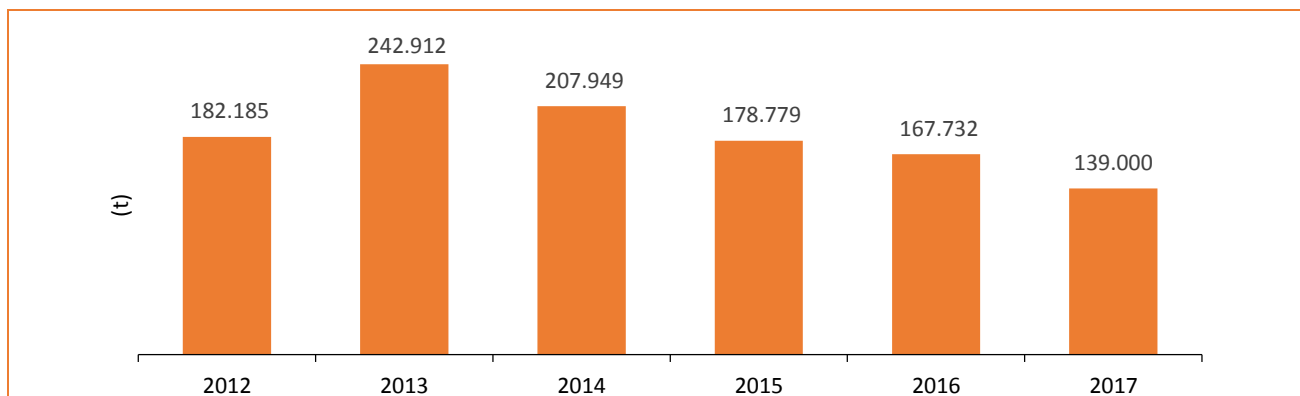
Fonte: Epagri/Cepa. Agrolink.

**Milho – Evolução do preço médio mensal real ao produtor em Santa Catarina, Mato Grosso, Paraná, Mato Grosso do Sul – 2014 a 2017 out.**

Em Santa Catarina, os preços médios fecharam em R\$ 22,30; R\$ 24,76 e R\$ 26,00 nos meses de agosto, setembro e outubro respectivamente, saca de 60 kg na praça de Chapecó (praça referência no estado). Desde julho os preços apresentaram uma elevação de 22,7 %, no entanto, a variação do preço relativo a outubro de 2016 é de -34%. Embora represente pouca expressão no que se refere ao mercado externo, Santa Catarina registrou exportações de 139.000 toneladas no acumulado de janeiro a outubro de 2017. Em relação as exportações nacionais, o ritmo dos volumes continuam mais elevados em relação ao acumulado nos anos anteriores, fato que está influenciando a reação dos preços no mercado interno, além da expectativa de retração da área de cultivo para safra 2017/18 retratado até o momento.

Exportações Milho - Brasil		
Período	US\$ FOB	Peso Líquido (t)
01/2017 até 10/2017	3.444.079.149	21.742.934
01/2016 até 10/2016	3.373.672.209	19.895.102
01/2015 até 10/2015	3.154.115.216	17.892.203

Milho grão, exceto sementeira. Cod. 10051000;10059010;10059090  
 MDIC – ALICEWEB – <http://aliceweb.mdic.gov.br//consulta-ncm/index/type/exportacaoNcm>



Fonte: Secex/MDIC.

#### Exportações catarinenses de milho em grão e sementeira (2012- ago. 2017) – em toneladas

#### Estimativa safra 2017/208 – Milho grão

A estimativa de plantio para a nova safra 2017/18 de milho grão primeira, esta apresentando uma expectativa de redução na área plantada de 12,36% e de 4,7% no rendimento em relação a safra anterior, o que poderá resultar na redução da produção em torno de 16% (Tabela Milho Grão Estimativa 2017/18). Este indicativo se dá em função do baixo nível dos preços pagos ao produtor neste ano, pela elevação do custo de produção e pela opção de plantio de soja, que apresenta preços mais estáveis. Mesmo com a elevação dos preços do milho desde julho, este fato não tem influenciado até o momento na expectativa inicial de plantio. A área crescente de plantio de milho silagem também explica a redução da área com milho grão. Embora os preços estejam reagindo desde julho, esta reação não está refletindo na intenção de plantio até o momento, uma vez que algumas regiões já estão com plantio consolidado.

#### Panorama regional:

**Oeste Chapecó, Xanxerê, Concórdia e São Miguel do Oeste** - Após período de estiagem nos meses de agosto e setembro, as chuvas retornaram com bons volumes e restabeleceram a umidade do solo. Até o dia 15 de novembro, mais de 95% de milho da região foram semeados, estando praticamente finalizado o plantio.

**Regiões de Joaçaba, Campos Novos, Curitibaanos, Caçador:** Plantio avançando rapidamente com a regularização das chuvas. Em torno de 85% da área foi semeada até 15 de novembro. Nas áreas maiores, a maioria dos trabalhos de plantio aconteceram em outubro. Nas áreas menores o plantio se prolonga até o final de novembro. Com as chuvas regulares, o ritmo de sementeira avançou com maior intensidade.

**Campos de Lages:** Início de plantio no final de outubro. Até 15 de novembro cerca de 55% das lavouras foram semeadas na região

**Região Norte:** Com o retorno das chuvas os trabalhos de plantio se intensificaram, chegando a 98% da área semeada até 15 de novembro. O evento climático (estiagem) para as áreas com plantio de milho não causaram maiores problemas, somente um pequeno atraso no calendário de plantio das grandes áreas.

**Alto Vale o Itajaí** – Em torno de 95% de áreas foram semeadas até 15 de novembro.

<b>Milho Grão 1ª safra – Estimativa Safra 2017/18 Santa Catarina e variação em relação a 2016/17</b>									
Microrregião	Safra 2016/17			Safra 2017/18			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá <sup>(1)</sup>	7.209	28.766	3.990	7.734	53.433	6.909	7,28	85,75	73,15
Blumenau	1.567	5.967	3.808	1.567	5.967	3.808	0,00	0,00	0,00
Campos Lages	36.010	264.126	7.335	31.630	234.414	7.411	-12,16	-11,25	1,04
Canoinhas	32.100	304.670	9.491	28.800	267.460	9.287	-10,28	-12,21	-2,15
Chapecó	59.025	521.942	8.843	51.700	473.041	9.150	-12,41	-9,37	3,47
Concórdia	23.930	201.858	8.435	22.230	191.815	8.629	-7,10	-4,98	2,29
Criciúma	7.154	42.318	5.915	6.670	46.383	6.954	-6,77	9,61	17,56
Curitibanos	21.608	239.546	11.086	17.360	180.834	10.417	-19,66	-24,51	-6,04
Florianópolis	619	2.299	3.714	619	2.299	3.714	0,00	0,00	0,00
Itajaí	53	196	3.698	53	196	3.698	0,00	0,00	0,00
Ituporanga	11.120	78.125	7.026	9.744	63.525	6.519	-12,37	-18,69	-7,21
Joaçaba	59.684	630.233	10.560	49.130	445.068	9.059	-17,68	-29,38	-14,21
Joinville	340	1.160	3.412	340	1.160	3.412	0,00	0,00	0,00
Rio do Sul	20.930	129.932	6.208	19.225	109.719	5.707	-8,15	-15,56	-8,07
São B. do Sul	5.000	35.200	7.040	4.400	32.960	7.491	-12,00	-6,36	6,40
São M. Oeste	39.500	330.930	8.378	35.340	246.754	6.982	-10,53	-25,44	-16,66
Tabuleiro	3.457	11.801	3.414	3.457	11.801	3.414	0,00	0,00	0,00
Tijucas	1.705	6.764	3.967	1.705	6.764	3.967	0,00	0,00	0,00
Tubarão	4.696	22.990	4.896	5.185	32.215	6.213	10,41	40,13	26,91
Xanxerê	27.280	288.392	10.572	21.220	221.805	10.453	-22,21	-23,09	-1,12
<b>Santa Catarina</b>	<b>362.987</b>	<b>3.147.214</b>	<b>8.670</b>	<b>318.109</b>	<b>2.627.613</b>	<b>8.260</b>	<b>-12,36</b>	<b>-16,51</b>	<b>-4,73</b>

<sup>(1)</sup>Microrregião de Araranguá e Tubarão teve seu rendimento de grão ajustados relativo a safra passada.

Fonte: Epagri/Cepa.

### Milho primeira safra - Brasil

Os impactos da boa produção da safra passada refletem em redução da área plantada para a safra 2017/18, uma vez que os preços mantiveram-se em um patamar abaixo do ano anterior. Milho primeira safra: estima-se uma redução na produção de 19,7 a 15% em relação à safra anterior, podendo ficar entre 24,46 a 25,88 milhões de toneladas. compreende diminuição de área absoluta entre 552,5 e 336,3 mil hectares a nível nacional (CONAB, nov. 2017).

#### Referências

Conab | ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE GRÃOS | v. 4 - Safra 2017/18, n 12 - N. 1 - Primeiro levantamento | OUTUBRO 2017 grãos ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA ISSN 2318-6852 Acomp. safra bras. grãos, v. 4 - Safra 2017/18, n.2 - Segundo levantamento, novembro 2017.  
[http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/17\\_10\\_10\\_09\\_01\\_17\\_graos\\_outubro\\_2017.pdf](http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/17_10_10_09_01_17_graos_outubro_2017.pdf)

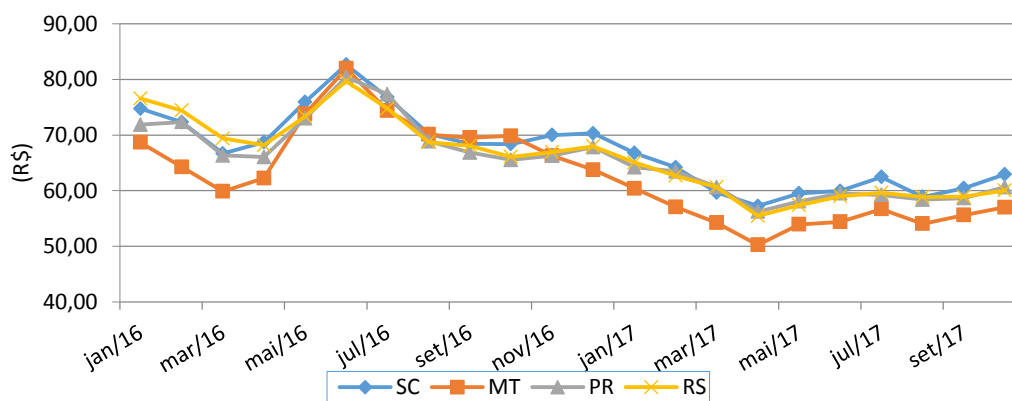


## Soja

Haroldo Tavares Elias  
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa  
[htelias@epagri.sc.gov.br](mailto:htelias@epagri.sc.gov.br)

Após um recuo em agosto, em setembro e outubro o preço da soja (saca de 60 kg) nas principais praças dos estados produtores retomou a valorização, sendo registrado em outubro os valores R\$ 57,01, R\$ 60,65 e R\$ 60,05 no Mato Grosso, Paraná e Rio Grande do Sul, respectivamente. Em comparação com o mês de setembro os preços tiveram em média 2,99% de reajuste. No comparativo com o mesmo mês no ano passado (outubro de 2016), a variação média nos principais estados produtores (MT, PR e RS) foi de -10,7%. Em Santa Catarina os preços apresentaram ligeira alta (R\$ 58,8 ; R\$ 60,45 e R\$ 62,94) de agosto a outubro. A variação entre setembro e outubro foi de 4,12%. A safra foi expressiva tanto para o Brasil como para os demais países produtores, o que contribuiu para queda dos preços até abril do ano corrente.

Nos últimos três meses as cotações de soja no CBOT vem oscilando conforme as condições climáticas e os relatórios do USDA<sup>3</sup> (safra 2017/18) de acompanhamento de safra. Em outubro e início de novembro a USDA ajustou os números da safra, confirmando uma redução nos estoques finais e na produção norte-americana de soja. A safra brasileira 2017/18, levantada pela CONAB, registra uma estimativa de crescimento na área entre 1,6 e 3,8%, no entanto, a produção poderá ser menor devido às excepcionais condições climáticas na safra anterior. No início de novembro estimou a produção entre 108,6 milhões e 106,4 milhões de toneladas, elevou ligeiramente sua estimativa na comparação com a previsão divulgada em outubro, em função da regularização das chuvas nas regiões produtoras.



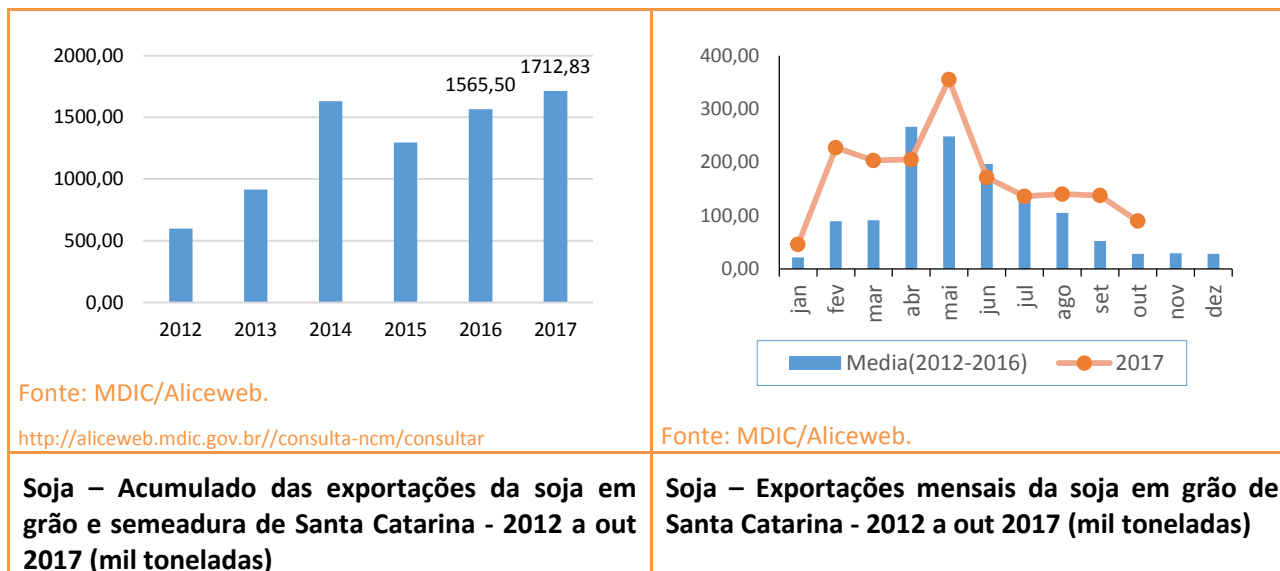
Fonte: Epagri/Cepa. Agrolink (MT, PR, RS)

**Soja – Preço médio real mensal de soja em grão ao produtor, MT, PR, RS e Santa Catarina – 2016 a out 2017**

Em Santa Catarina, embora a participação na produção nacional seja pouco expressiva, a boa expectativa para a safra também gerou efeitos negativos sobre os preços desde meados de 2016. No acumulado do

<sup>3</sup> USDA. Released August 10, 2017, by the National Agricultural Statistics Service (NASS), Agricultural Statistics Board, United States Department of Agriculture (USDA).<http://usda.mannlib.cornell.edu/usda/current/CropProd/CropProd-08-10-2017.pdf>

ano, de janeiro a outubro, o volume exportado alcançou 1.712.830 toneladas, volume maior que o total exportado em 2016. Os principais destinos das exportações são China, Rússia, Coreia do Sul e Tailândia.



A produção de Santa Catarina na safra 2016/17 foi de 2,4 milhões de toneladas em uma área de 658 mil hectares. As condições meteorológicas favoráveis, com chuvas regulares, boa insolação em grande parte da área produtiva do estado, bem como a tecnologia adotada, resultaram em produtividade média de 3,6 toneladas por hectare, cerca de 11% acima da obtida na safra 2015/16. Essa combinação de aumento da área e da produtividade, resultou em produção 13,4% maior em relação à safra anterior.

Para a Safra 2017/18, a estimativa inicial de cultivo da leguminosa confirma a crescente expansão em termos de área, com expectativa de incremento de 7,3% em relação a safra anterior, 2016/17. Esta área conquistada vem da redução de área do milho, de pastagens, fruticultura, feijão e outras culturas. No entanto, quanto ao rendimento (Kg/ha), há um indicativo de variação de -2,3%, uma vez que a safra anterior foi incomum, apresentando rendimento nunca antes verificado em função das condições climáticas favoráveis, já mencionada. Esta expectativa está em acordo com as perspectivas da safra nacional.

Microrregião	safra 2016/17			safra 2017/18 Estimativa inicial			Est. Inical / safra ant. (%)		
	Área Plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. (kg/ha)	Área Plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. (kg/ha)	Área Plant.	Quant. Prod.	Rend. (Kg/ha)
C. de Lages	59.770	199.292	3.334	62.950	213.768	3.396	5,3	7,3	1,8
<b>Canoinhas</b>	<b>131.600</b>	<b>501.870</b>	<b>3.814</b>	<b>140.300</b>	<b>500.480</b>	<b>3.567</b>	<b>6,6</b>	<b>-0,3</b>	<b>-6,5</b>
Chapecó	88.512	292.035	3.299	94.135	312.426	3.319	6,4	7,0	0,6
Concórdia	5.617	20.309	3.616	6.076	19.935	3.281	8,2	-1,8	-9,3
<b>Curitibanos</b>	<b>107.680</b>	<b>448.976</b>	<b>4.170</b>	<b>113.008</b>	<b>459.392</b>	<b>4.065</b>	<b>4,9</b>	<b>2,3</b>	<b>-2,5</b>
Ituporanga	7.690	30.174	3.924	8.630	27.924	3.236	12,2	-7,5	-17,5
Joaçaba	57.010	237.675	4.169	67.664	255.994	3.783	18,7	7,7	-9,3
Rio do Sul	3.935	13.709	3.484	4.435	13.785	3.108	12,7	0,6	-10,8
São Bento do Sul	15.000	49.900	3.327	15.700	51.000	3.248	4,7	2,2	-2,4
São M. do Oeste	42.790	128.454	3.002	44.870	139.201	3.102	4,9	8,4	3,3
<b>Xanxerê</b>	<b>138.650</b>	<b>491.408</b>	<b>3.544</b>	<b>148.370</b>	<b>536.368</b>	<b>3.615</b>	<b>7,0</b>	<b>9,1</b>	<b>2,0</b>
<b>Santa Catarina</b>	<b>658.254</b>	<b>2.413.801</b>	<b>3.667</b>	<b>706.138</b>	<b>2.530.274</b>	<b>3.583</b>	<b>7,3</b>	<b>4,8</b>	<b>-2,3</b>

Fonte: Epagri/Cepa.

As regiões do estado que mais concentram a produção são: Canoinhas, Curitibanos ( que inclui Campos Novos, maior produtor do estado) e Xanxerê que, juntas somam mais de 400.000 ha (56% do total da área cultivada no Estado) considerando as estimativas iniciais safra 2017/2018.

#### Panorama regional:

**Região Oeste:** Chapecó, Xanxerê, São Miguel do Oeste: Os plantios se intensificaram ao longo de outubro, até 15 de novembro cerca de 86% foi semeado na região;

**Regiões de Joaçaba, Campos Novos, Curitibanos e Caçador:** Plantio evoluindo, conforme as condições de umidade do solo permitem os trabalhos, até 15 novembro 37% foi semeado, devendo se estender até meados de dezembro;

**Campos de Lages:** Início dos plantios acontece principalmente em novembro, se estendendo até início de dezembro em função das baixas temperaturas. Até 15 de novembro 42% foi semeado;

**Região Norte** (Canoinhas, Mafra): Em torno de 80% da área já foi plantada até 15 novembro; segue em ritmo intenso até final do mês, quando deve estar finalizado.

**Estado:** Estimativa de 65% das áreas semeadas até 15 novembro em Santa Catarina.

#### Soja – safra brasileira:

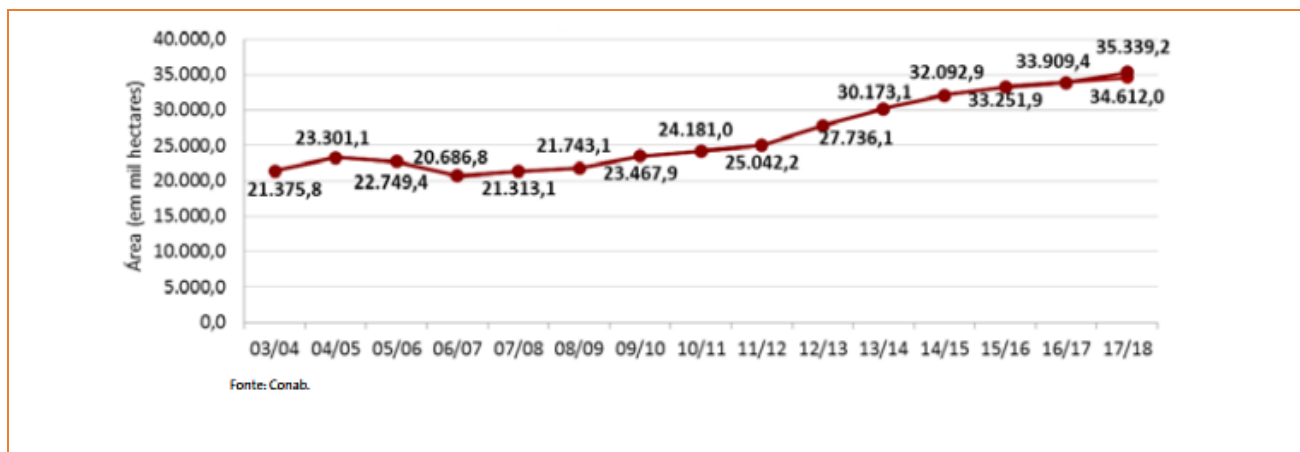
A área tem sido a protagonista do aumento da produção de soja no Brasil nos últimos 20 anos<sup>4</sup>. A sua maior liquidez e a possibilidade de melhor rentabilidade em relação a outras culturas fazem que a estimativa seja de crescimento de área de produção, podendo atingir entre 34,6 e 35,3 milhões de hectares, na safra 2017/18, o que representa incremento médio de aproximadamente 2,7% em relação à safra anterior<sup>5</sup>. A tendência de crescimento tem sido observada em praticamente todos os principais estados produtores, até em Santa Catarina, que apresenta grande demanda de milho, tem a área de soja acrescida a cada ano.

Entretanto, a produção poderá ser menor, considerando que as estimativas indicam para produtividades próximas do normal.

<sup>4</sup> Compêndio de Estudos Conab / Companhia Nacional de Abastecimento. – A produtividade da soja: Análise e perspectivas, v. 10. - Brasília: Conab, 2017.

<sup>5</sup> Conab | ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE GRÃOS | v. 4 - Safra 2017/18, n.2 - Segundo levantamento, novembro 2017

### Soja: Evolução da área de soja cultivada no Brasil

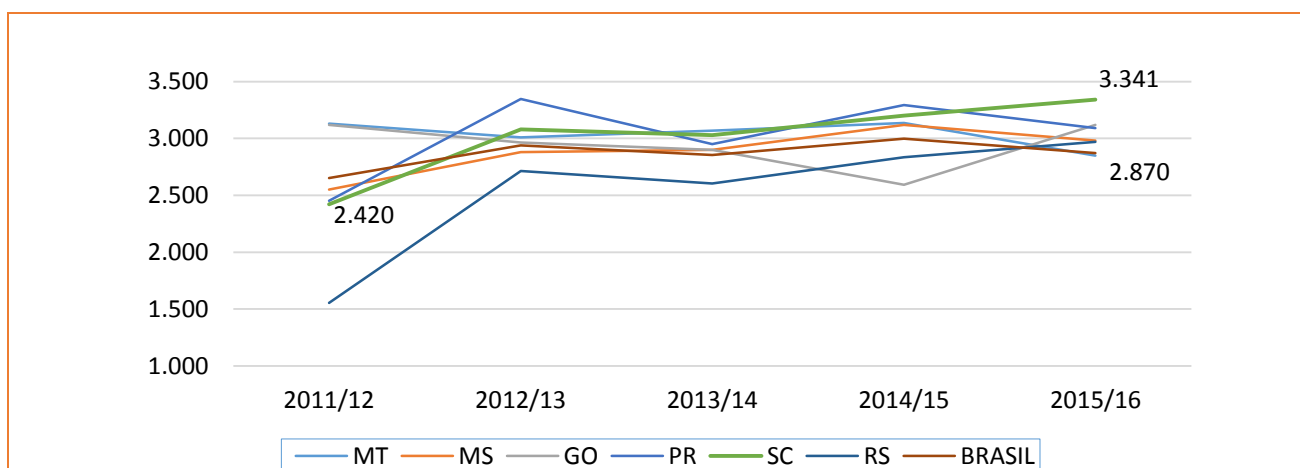


### Produtividade de soja de santa catarina supera os maiores produtores do brasil.

No contexto mundial e nacional a soja está inserida economicamente como um dos principais produtos agrícolas. No Brasil, ela é a principal cultura em extensão de área e volume de produção. A produção brasileira de soja alcançou 95.434,6 mil toneladas na safra 2015/16 (CONAB, 2017).

- Conforme dados de série histórica da CONAB, a evolução da produtividade média da soja em Santa Catarina, de 2012 a 2016, evoluiu de 2.420 kg/ha para 3.341 kg/ha, um ganho superior a 30% no período quando considerado o comparativo com os principais Estados produtores (CONAB, 2017).

- Há de se considerar que Santa Catarina, Estado caracterizado por ter sua estrutura fundiária composta por propriedades com menos extensão, demonstra eficiência na produção da commodity soja. O Estado registrou a maior produtividade nesta cultura entre os principais estados brasileiros produtores de soja na safra 2015/16 – Figura 1.



Fonte CONAB, 2017., Safras, dados históricos. <http://www.conab.gov.br/conteudos.php?a=1252&t=2>

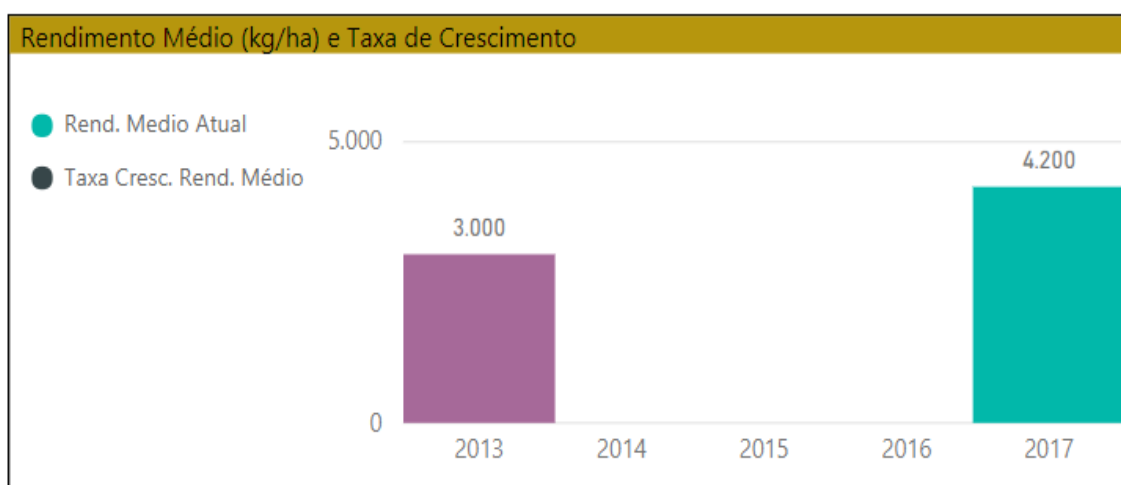
**Figura 1. Evolução da produtividade de soja entre os principais produtores do Brasil, incluindo Santa Catarina. 2012/13—2015/16.**

- O rendimento de grãos em algumas regiões produtoras de Santa Catarina. Verifica-se que, em Campos Novos (Gráfico 2) este rendimento alcança 4.200 kg/ha, com média de área cultivada por agricultor em torno de 200 ha. Esta produtividade, é considerada uma das maiores já registadas no Brasil, o que demonstra a eficiência da produção;

- Na região Oeste – Chapecó e região, a média de área de cultivo com soja na maioria dos estabelecimentos agropecuários não chega a 50ha, no Mato Grosso a maioria dos produtores cultivam áreas superiores a 1.000 hectares. Fato que demonstra que a agricultura familiar pode ser tão eficiente quanto os grandes produtores, mesmo em culturas tradicionais de grandes propriedades.

Os fatores que contribuem para esta boa produtividade, podem ser considerados como:

- Sementes de alta qualidade, uma vez que Santa Catarina é um dos grandes produtores de sementes do Brasil;
- Manejo das lavouras em agricultura de precisão, com bom manejo fitotécnico;
- Complementação com adubação orgânica, com dejetos suínos e cama de aviário, o que favorece a melhoria da estrutura do solo e retenção de umidade;
- Plantio direto na palha;
- Assistência técnica contínua pelas Cooperativas do Estado;
- Dedicção dos agricultores e observação ao manejo correto das lavouras.



Fonte: Epagri/CEPA.

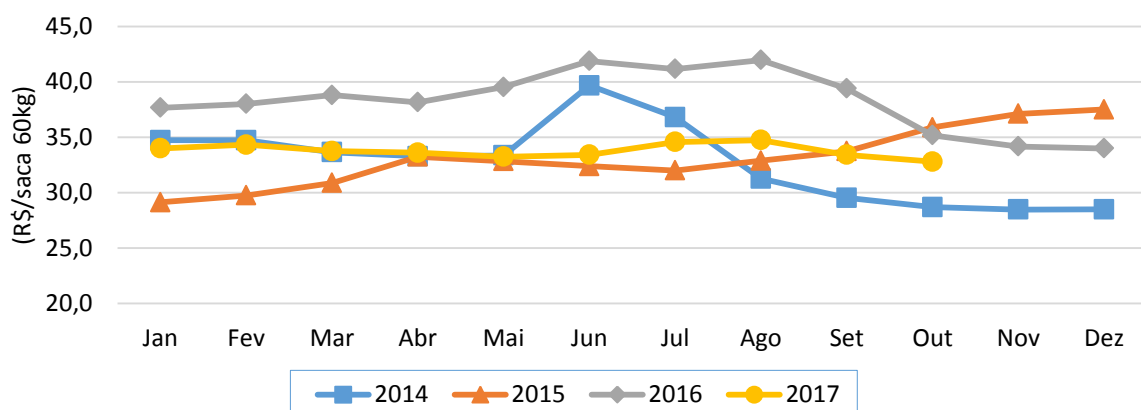
**Figura 2. Produtividade de soja – evolução no município de Campos Novos**

## Trigo

João Rogério Alves  
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa  
[joaoalves@epagri.sc.gov.br](mailto:joaoalves@epagri.sc.gov.br)

Até o dia 04/11, nossos levantamentos apontam que cerca de 30% da área plantada com trigo em Santa Catarina foi colhido. Boa parte dessas lavouras foram semeadas em meados de junho, quando um período de estiagem assolou as principais regiões produtoras de grãos no estado, em função disso a produção que vem sendo colhida não é de boa qualidade. Segundo informações da região de Canoinhas, responsável por cerca de 18% da área plantada com trigo no estado nesta temporada, a qualidade dos grãos e o rendimento das lavouras que estão sendo entregues nas unidades das cerealistas e cooperativas da região não são das melhores. Para essa produção o PH obtido neste período gira em torno de 70 a 76, fora do padrão exigido (PH78). Outro aspecto a ser considerado é o grande número de dias com chuvas no mês de outubro, condição climática que vem prejudicando a evolução da colheita. Alguns produtores para aproveitar as poucas aberturas de sol, estão colhendo lavouras de trigo com percentual de umidade superior a 20%, porém essa umidade no grão está comprometendo a qualidade do produto. No Estado do Paraná, até o último dia 30 de outubro, cerca de 87% da área destinada ao plantio da cultura já havia sido colhida assim como em Santa Catarina, o excesso de chuvas nessa fase tem prejudicado a evolução da colheita. Segundo o Deral (Departamento de Economia Rural do Paraná), a situação agrônômica das lavouras à campo nesse período foi classificada como: 16% ruim, 46% médio e 38% em boa situação. No Rio Grande do Sul, apenas 1% da área plantada com trigo foi colhida até o final de outubro, segundo dados da Emater/RS, o excesso de umidade tem favorecido a ocorrência de problemas fitossanitários com a incidência de doenças fúngicas como Giberela e Septoríose.

Quanto aos preços, esses continuam em queda, com moinhos buscando trigo nacional de boa qualidade, escasso no mercado, houve retração por parte desses compradores. Trigo de qualidade inferior, que tem como destino a produção de rações, vem sendo adquiridos pelas *tradings* e tem como destino as exportações. Com as chuvas intermitentes comprometendo a qualidade do trigo colhido, quem tem trigo de qualidade superior não está vendendo esperando que o preço suba. Já para o trigo que está para ser colhido, semeado após a estiagem de junho, a expectativa é que seja de melhor qualidade, a depender das condições climáticas para as próximas semanas.



Fonte: Epagri/Cepa.

**Trigo Grão – Evolução do preço nominal – Santa Catarina (2014 - 2017)**

O preço da saca de 60kg de trigo grão pago ao produtor (mercado balcão) permaneceu estável no mês de outubro na comparação com o mês de setembro para os principais estados produtores. Em Santa Catarina,

pequena baixa de 1,89%, no Paraná, modesta redução de 0,92%, e no Rio Grande do Sul, queda de 1,97%. Na comparação com outubro de 2016, é possível perceber a tendência baixista para esta época do ano. Para Santa Catarina, o preço está cerca de 7% abaixo dos preços médios praticados naquele ano, e para o Rio Grande do Sul, a variação negativa chega a 12%. A tendência para os próximos meses é de mercado sem grandes alterações. A maioria dos moinhos da região sul estão bem abastecidos até final do ano. A redução no consumo fez com que os compradores se retraiam a espera de melhores preços para lotes de melhor qualidade.

**Trigo Grão – Preços médios pagos ao produtor safra 2017/18 – R\$/saca de 60kg**

Estado	Set./2017	Out./2017	Variação (%)	Out./2016	Variação (%)
Santa Catarina	33,42	32,79	-1,89	35,16	-6,74
Paraná	32,64	32,34	-0,92	35,40	-8,64
Rio Grande do Sul	30,91	30,30	-1,97	34,52	-12,22
São Paulo	37,39	36,35	-2,78	38,99	-6,77

Nota: SC e PR - Trigo Pão PH78, RS e SP - Trigo em Grão Nacional.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Agrolink (RS e SP).

A colheita de trigo segue em ritmo acelerado nas áreas de cultivo, produtores estão aproveitando os dias de sol para agilizar a colheita com o objetivo de liberar essas áreas para as culturas de verão, como milho, feijão e principalmente a soja. Nesse mês de outubro, nossos levantamentos indicam que deveremos ter uma área plantada de 52.526ha nesta temporada, número 24% menor do que foi cultivado na safra passada. Baixos preços pagos ao produtor e insegurança em relação às condições climáticas para a época de cultivo do trigo formam os principais fatores que influenciaram na decisão dos produtores em reduzir a área plantada com o cereal. O perfil da maioria dos produtores de trigo nesta safra são de agricultores que firmaram contratos de garantia de preço e compra junto a cooperativas e cerealistas, além é claro, de produtores que necessitam fazer rotação de culturas para a melhoria da estrutura do solo e interrupção do ciclo de plantas invasoras e de pragas e doenças em suas áreas de cultivo.

**Trigo Grão – Comparativo safra 2016/17 e Estimativa atual safra 2017/18**

Microrregião	Safra 2016/17			Estimativa atual - Safra 2017/18			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Campos de Lages	1.700	6.030	3.547	540	1.150	2.130	-68	-81	-40
Canoinhas	14.900	54.474	3.656	9.280	27.057	2.916	-38	-50	-20
Chapecó	16.610	46.491	2.799	13.520	39.329	2.909	-19	-15	4
Concórdia	622	1.742	2.800	906	2.511	2.771	46	44	-1
Curitibanos	10.648	44.486	4.178	8.110	18.282	2.254	-24	-59	-46
Ituporanga	1.585	4.128	2.604	505	1.054	2.086	-68	-74	-20
Joaçaba	4.790	18.590	3.881	3.440	7.512	2.184	-28	-60	-44
Rio do Sul	445	1.045	2.348	225	485	2.156	-49	-54	-8
São Bento do Sul	250	843	3.372	150	357	2.383	-40	-58	-29
São M. do Oeste	2.295	7.325	3.192	2.805	8.532	3.042	22	16	-5
Xanxerê	15.175	43.719	2.881	12.445	35.415	2.846	-18	-19	-1
Outras	68	180	2.647						
<b>Santa Catarina</b>	<b>69.088</b>	<b>229.052</b>	<b>3.315</b>	<b>51.926</b>	<b>141.684</b>	<b>2.729</b>	<b>-25</b>	<b>-38</b>	<b>-18</b>

Fonte: Epagri/Cepa (Outubro/2017)

Importações: em relação às importações de trigo grão, farinhas e derivados, no mês de outubro elas somaram 467 mil toneladas, contra as 660 mil toneladas compradas em setembro, redução de cerca de 29% no volume de importações. Em outubro a Argentina foi responsável por cerca de 92% de todo trigo importado pelo Brasil. Santa Catarina acompanhou essa tendência nacional de redução no volume de importações de trigo. Entre setembro e outubro a redução foi de 47%, se compararmos o mês de outubro de 2017 com outubro de 2016. Houve redução significativa de 97%. É bom lembrar que em 2016 tivemos uma boa safra de trigo, e mesmo assim as importações foram elevadas. Este ano com uma safra comprometida pelo clima e pelos baixos preços pagos ao produtor, as importações foram muito inferiores, aspecto que nos leva a crer numa significativa queda no consumo de produtos como pães, massas e biscoitos.



## Hortaliças

### Alho

Jurandi Teodoro Gugel  
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa  
[jurandgugel@epagri.sc.gov.br](mailto:jurandgugel@epagri.sc.gov.br)

A estimativa da safra catarinense de alho 2017/18, segundo dados da Epagri/Cepa, atinge 2.500 ha de área plantada, perfazendo uma participação superior a 22% da área em produção no Brasil. O incremento de área em Santa Catarina foi em torno de 20% em relação a safra anterior.

Essa cultura, no estado catarinense, tem características importantes quando observada sob o prisma socioeconômico, pois é uma produção essencialmente realizada por agricultores familiares em pequenas áreas, sendo este perfil, o grande diferencial da produção agropecuária de Santa Catarina em relação a muitas regiões brasileiras.

Parte das lavouras está em estágio final de desenvolvimento e formação de bulbos e parte já está sendo colhidas. Nos municípios de Curitibaanos e Frei Rogerio a colheita se aproxima de 50% da área plantada. Apesar dos esforços dos produtores e das condições de infraestrutura de produção, como irrigação, presente na maioria das unidades de produção, os efeitos da estiagem são perceptíveis em relação a produção.

Em função da falta de chuvas, as lavouras apresentaram alguns problemas fitossanitários próprios dessa condição, como fusarioses e nematoides. Também como consequência da condição enfrentada, as primeiras lavouras colhidas apresentaram bulbos um pouco menores de forma geral, porém de cor muito boa. Nas lavouras de colheita mais recente, há uma melhoria no quesito tamanho de bulbo, o que é bastante positivo como componente de qualidade do produto para o mercado.

Como temos registrado recentemente, a cultura do alho em Santa Catarina vem sendo produzida por produtores que têm realizado importantes investimentos seja do ponto de vista de conhecimentos técnicos ou de estrutura produtiva nas unidades de produção com importante esforço na aquisição de máquinas e equipamentos, dentre outros. Essa condição alcançada pela cadeia produtiva foi determinante para que os efeitos da falta de chuvas em períodos críticos de desenvolvimento da cultura em Santa Catarina tivessem seus efeitos mitigados, pela condição de que aproximadamente 95% da área plantada tenha a condição de irrigação disponível quando necessária.

O cenário de mercado para a safra catarinense deve apresentar alguns desafios importantes no processo de comercialização como já mencionado aqui há alguns meses. Essa perspectiva se dá em função de incremento geral da área plantada nos principais países produtores exportadores do produto - como exemplo temos a China com incremento de 20% e Argentina com incremento próximo a 20% - cujo reflexo será maior volume de oferta de alho ao mercado. Nesse sentido, os produtores catarinenses devem atentar para a boa classificação e acondicionamento da produção de modo a conquistar o consumidor pela qualidade do produto.

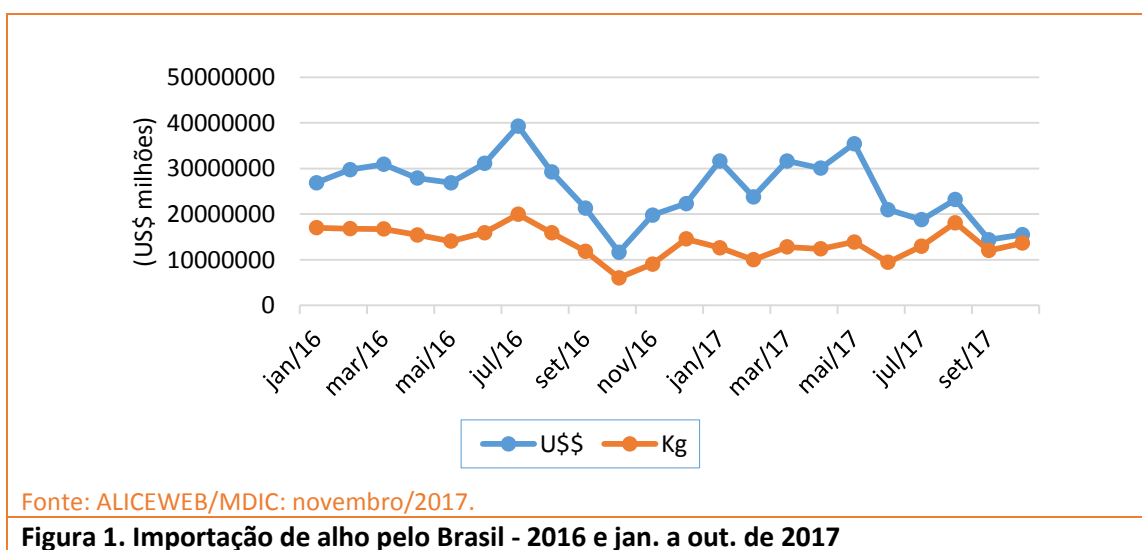
Algumas informações de mercado apresentam um quadro que indica que os grandes compradores de alho apresentam-se cautelosos nos negócios e de certa forma impondo um ritmo mais lento a dinâmica comercial, pelo menos até esse momento.

Com relação ao mercado, o Brasil é o segundo maior importador mundial de alho, conforme a FAO/2013. As importações de janeiro a setembro de 2017 foram de 127,88 mil toneladas e no mesmo período de 2016, o volume foi de 149,71 mil toneladas. O quadro de janeiro a outubro no comparativo 2016 e 2017, a redução das importações em volume é de 14,58%, o que não deixa de ser positivo aos produtores

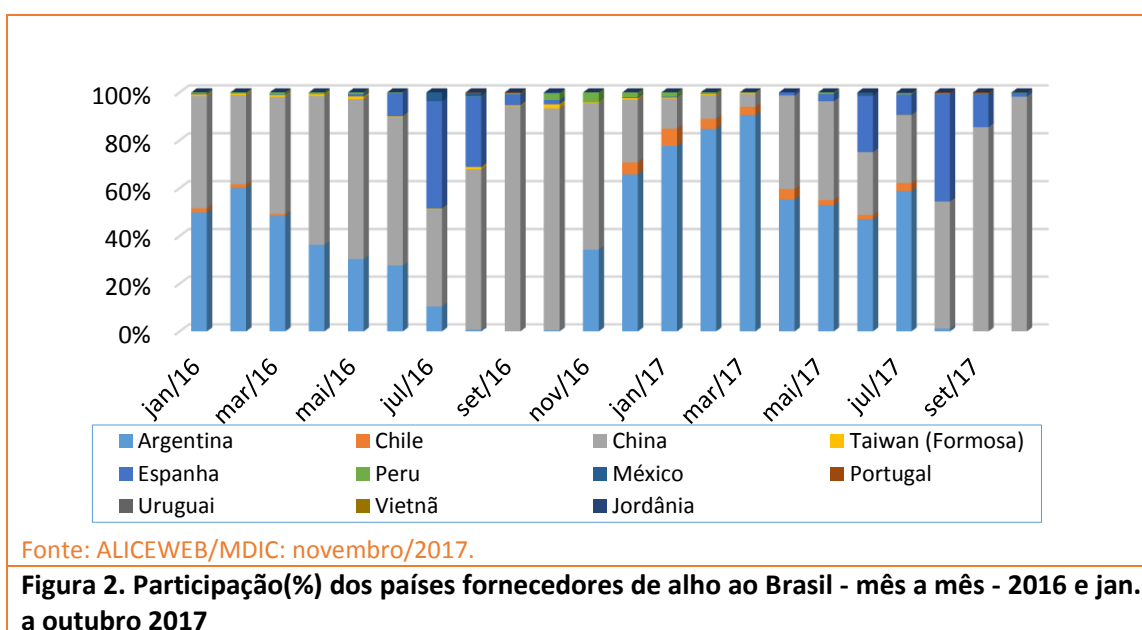
brasileiros.

O preço médio por Kg de alho internalizado no mês de outubro/17 foi de US\$ 1,137/kg, contra US\$ 1,197 no mesmo mês do ano anterior, redução de 5,01% mantendo tendência de queda que vem ocorrendo nos últimos meses. Esta gradual queda nos valores por unidade de produto sinaliza claramente mudança de conjuntura do mercado do alho para o próximo período cujo quadro é de maior oferta, puxado principalmente pela oferta chinesa.

A internalização do alho importado, 13,64 mil toneladas no mês de outubro/17, teve um custo total registrado de US\$ 15,51 milhões, conforme pode ser visto na figura 1, abaixo.



Na figura 2 apresentam-se os países fornecedores de alho ao Brasil. No mês de outubro/17, o principal fornecedor foi a China com 13,39 mil toneladas perfazendo 98,22% do total de alho importado. Espanha, Jordânia e Peru participaram com 1,78% do total importado pelo Brasil.



Ainda em relação as importações, comparando-se os trimestres de agosto, setembro e outubro de 2016 com o mesmo período de 2017, percebe-se que nesse ano há um crescimento da importação no período comparado (Tabela 1). Estes dados podem estar sinalizando um quadro bastante diferente do vivido em 2016 e até julho de 2017, isto é, retomada das importações aos patamares anteriores ao período citado.

Em relação custo total das importações, nos meses de janeiro a outubro de 2016, o custo da internalização do alho foi de US\$ de 274,935 milhões, contra US\$ 245,454 milhões em 2017. Porém o custo médio registrado por quilo saltou de US\$ 1,84/kg para US\$ 1,92/kg. Embora essa diferença esteja em declínio nesse período, ainda é 4,17% superior em relação ao período comparado de 2016. Por outro lado, esse quadro mostra uma tendência clara de que o mercado sinaliza acirramento na conjuntura da comercialização do produto com maior oferta do produto especialmente do alho Chinês.

**Tabela 1. Importações de alho pelo Brasil- Jan. a Out. de 2016 e 2017 (mil t)**

	Jan	Fev.	Março	Abril	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set	Out	Total
<b>2016</b>	17,01	16,80	16,73	15,43	14,08	15,92	19,95	15,89	11,87	6,03	<b>149,71</b>
<b>2017</b>	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	12,97	18,12	12,02	13,64	<b>127,88</b>

Fonte: ALICEWEB/MDIC: novembro/2017

## Cebola

Jurandi Teodoro Gugel  
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa  
[jurandgugel@epagri.sc.gov.br](mailto:jurandgugel@epagri.sc.gov.br)

O ciclo da produção da safra 2017/18 da cebola catarinense está no início do estágio final de desenvolvimento com as variedades precoces e super precoces tendo seu início de colheita. Os materiais de ciclo normal e tardio ainda se encontram em desenvolvimento vegetativo, mesmo que em fase final de desenvolvimento dos bulbos.

Conforme relatamos em boletins anteriores, em Santa Catarina a área plantada com cebola precoce tem aumentado em relação à safra passada. A condição climática do mês de setembro, como temperatura mais elevada, tem contribuído para acelerar o desenvolvimento e maturação dos materiais com essas características agrônomicas. Dessa maneira, a produção catarinense chega ao mercado quando ainda há oferta da hortaliça do final das safras mineira e goiana, ocasionando um ritmo mais lento na comercialização da produção catarinense e sulista. Esta questão deve ser superada até o final do mês de novembro e início de dezembro.

A cebola catarinense da safra atual se desenvolveu sob algumas condições especiais, seja em função da conjuntura de mercado da safra 2016/17, que foi uma das mais difíceis dos últimos anos, seja pela condição climática mormente pela falta de chuvas em fases importantes do desenvolvimento vegetativo da cultura. Como referência, na região de Ituporanga, no mês de setembro, o acumulado de chuvas fora somente 27 mm, como havíamos citado no boletim anterior.

Essa condição climática geral de falta de chuvas teve como consequência a elevação do custo de produção pela necessidade de uso da irrigação em larga escala praticamente todas as regiões produtoras. Também como consequência da condição climática haverá algum reflexo no volume e qualidade da produção da safra, questões a serem avaliadas nos próximos meses a partir da efetiva colheita, classificação, acondicionamento e comercialização do produto.

Estado tradicional na produção de cebola, Santa Catarina mantém-se como o maior produtor nacional com área plantada, nessa safra, superior a 21 mil ha de acordo com o acompanhamento de safra à campo realizado pela Epagri/Cepa/junho/17, cuja importância socioeconômica é estratégica para a agricultura familiar catarinense.

Houve a constatação por Pesquisadores da Epagri – Estação Experimental de Ituporanga da ocorrência do vírus *Iris yellow spot virus* nessa safra, cuja presença ainda não tinha sido detectada em lavouras da cultura no Sul do Brasil. Esse fato passa a ser uma nova preocupação para o setor em termos fitossanitários, de pesquisa, assistência técnica e consequente elevação do custo para a produção.

A presença do vírus havia sido constatada no Nordeste do país em 1994 e desde essa época não havia sido mais relatada sua presença em lavouras de cebola no Brasil.

Os pesquisadores detectaram a presença do vírus nos municípios de Ituporanga, Aurora e Campos Novos.

O tripses ou piolho da cebola, é o vetor e principal inseto-praga da cultura. Para o pesquisador da Epagri, Edivânio Rodrigues de Araújo, “Essa é uma informação importante em termos epidemiológicos, uma vez que em anos mais secos e com maiores infestações por tripses os riscos de ocorrência da doença se elevam”.

De toda forma, outros fatores abióticos podem estar associados a presença e manifestação dos sintomas da virose, como stress hídrico, temperaturas elevadas, dentre outros, segundo Renata de Souza Resende, também pesquisadora da Epagri/EEI.



**Foto de lavoura afetada (Epagri/EEI)**

A infraestrutura de produção nas propriedades tradicionais de produção de cebola foi fundamental para garantir a produção das lavouras nessa safra. Conforme temos registrado nesse espaço noutras oportunidades, estima-se que nas regiões tradicionais de produção da hortaliça em Santa Catarina, a área irrigada se aproxima de 90% da área plantada, o que é extremamente positivo para o setor, gerando ou contribuindo para boa estabilidade na produção do bulbo em solo catarinense. Essa condição assegurou a possibilidade de amenizar os problemas de falta de chuvas no período de baixas precipitações como os recentes.

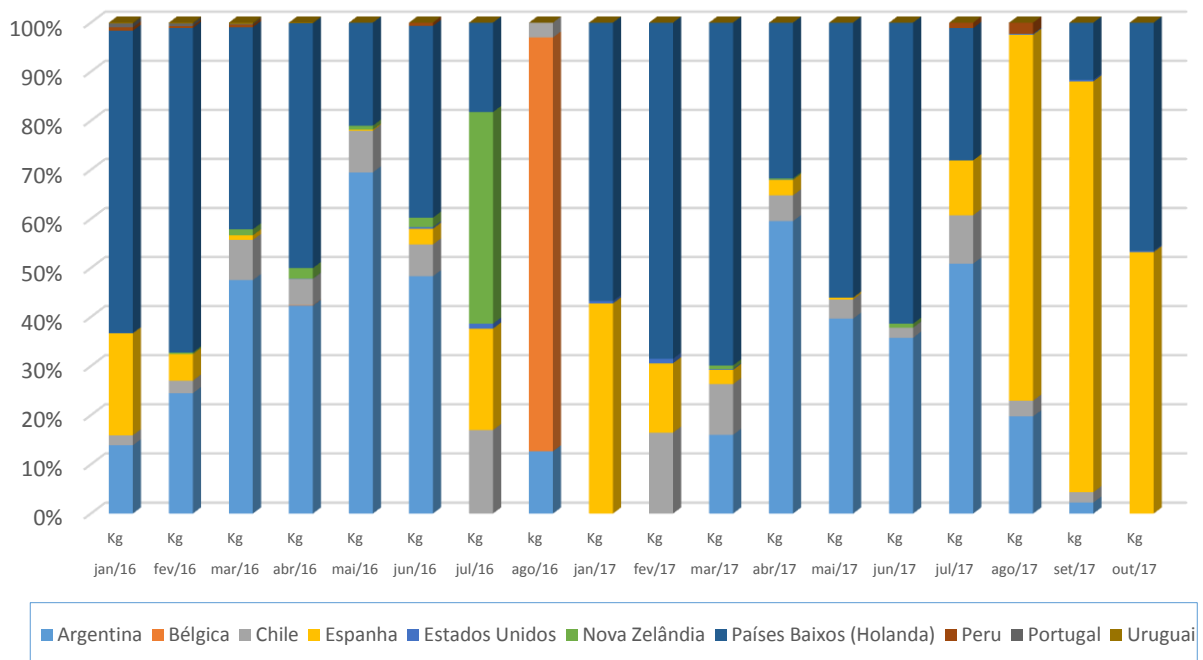
Com relação ao mercado nacional, o mês de outubro foi abastecido pelas produções das regiões do nordeste brasileiro e pelo final da comercialização da safra do cerrado como regiões dos estados de Minas Geras e Goiás. No final de outubro e nas primeiras semanas de novembro a produção do sul do Brasil começou a ser ofertada ao mercado.

A produção sulista chegou ao mercado com alguma antecedência no tempo, ocasionando redução no preço pago aos produtores. Conforme Hortifruti/Cepea, em Irecê (BA), as cotações ficaram em R\$ 0,61/kg na roça e R\$ 15,50/sc de 20 kg da caixa 3 beneficiada, com queda de 18,3% no período de 06 a 10 de novembro de 2017, em relação à semana anterior.

Nos principais mercados atacadistas do Sul, Sudeste e Nordeste, a cebola classe 3 teve comportamento que refletiu o quadro de boa oferta do produto, com redução geral dos preços do bulbo.

Na Ceagesp a hortaliça foi comercializada no dia 31 de outubro de 2017 a R\$ 1,56/kg, redução de 6,6% até 17% em relação ao mês anterior,. Na Ceasa/SC, o preço médio ponderado foi de R\$ 1,21/kg no mês de outubro, 13.22% acima da média do mês anterior que foi de R\$ 1,05/kg.

A importação de cebola pelo Brasil no mês de outubro foi comandada pela entrada de cebola espanhola e holandesa como pode ser visto no gráfico abaixo.

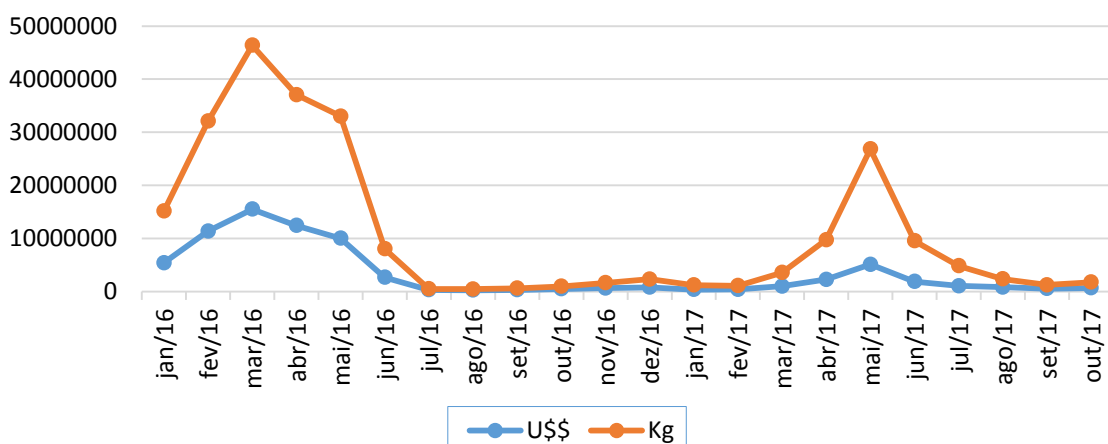


Fonte: ALICEWEB/MDIC – novembro/2017

**Participação dos Países no fornecimento de cebola ao Brasil - mês a mês 2016 e 2017 - %**

No mês de outubro, as importações foram superiores a 1,740 mil toneladas ficando acima do mesmo período do ano passado quando foram importadas 957 toneladas. O desembolso pelo país foi na ordem de U\$ 0,655 milhão.

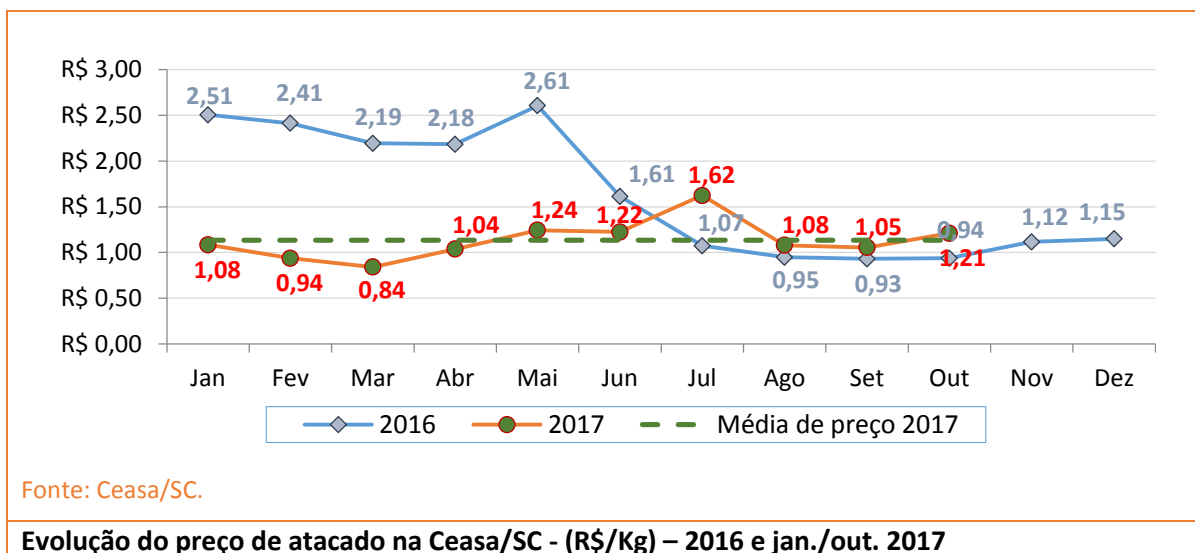
Comparando-se os primeiros dez meses de 2016 com o mesmo período de 2017, verifica-se que as importações de cebola pelo Brasil foram de 174,135 mil toneladas e 62,121 mil toneladas, respectivamente, uma queda de 64,32 % no período. Esses números ainda refletem a grande oferta interna do produto patrocinada pela super safra cebola brasileira de 2016/17.



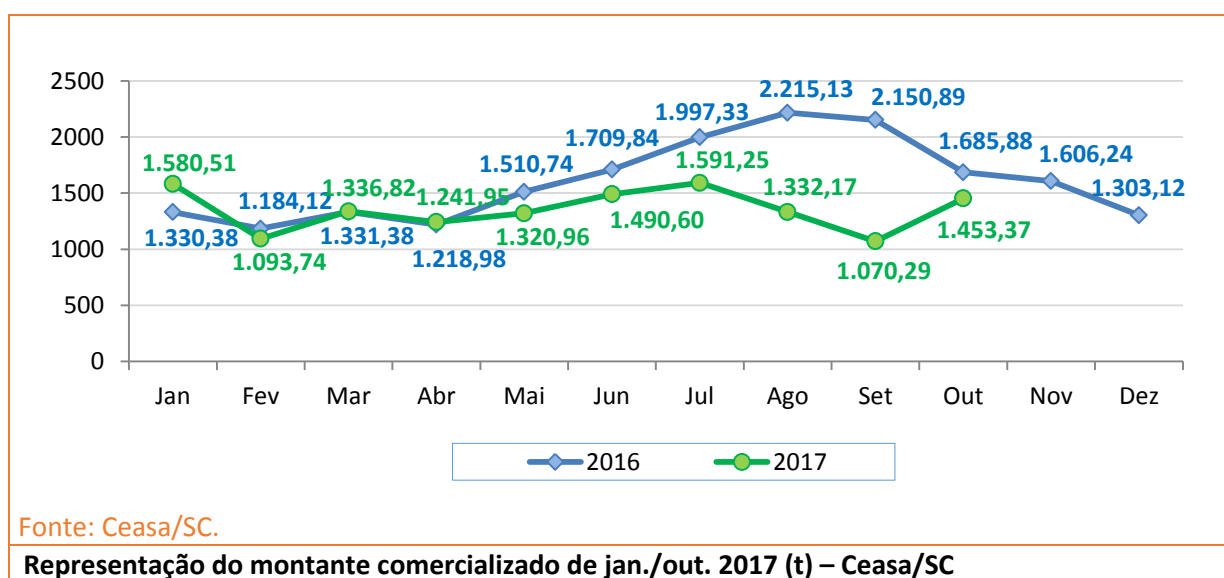
Fonte: ALICEWEB/MDIC – novembro/2017

**Importação de cebola pelo Brasil mês a mês - 2016 e jan. a outubro 2017**

No mercado atacadista da Ceasa/SC – Unidade de São José, no mês de outubro houve recuperação de preço em relação ao mês anterior. O mês fechou com preço médio ponderado de R\$ 1,21/kg, aumento de 13,22% em relação a setembro, conforme pode ser visto no gráfico abaixo.



Em termos de desempenho da comercialização de cebola no atacado na Unidade da Ceasa/SC – Unidade de São José, o volume de comercialização no mês de outubro de 2017 teve uma recuperação em relação ao mês anterior. Foram comercializadas 1.453 toneladas do produto. Mesmo ficando abaixo do volume quando comparado a outubro de 2016, apresenta recuperação 35,79% comparado ao mês de setembro/17.



Nas praças acompanhadas pela Epagri/Cepa nas microrregiões de Santa Catarina, o preço de abertura de safra pago ao produtor, variou de R\$ 0,81 a 0,90/kg na região de Rio do Sul e Ituporanga e de R\$ 0,80 a R\$ 1,10/kg na região de Canoinhas.

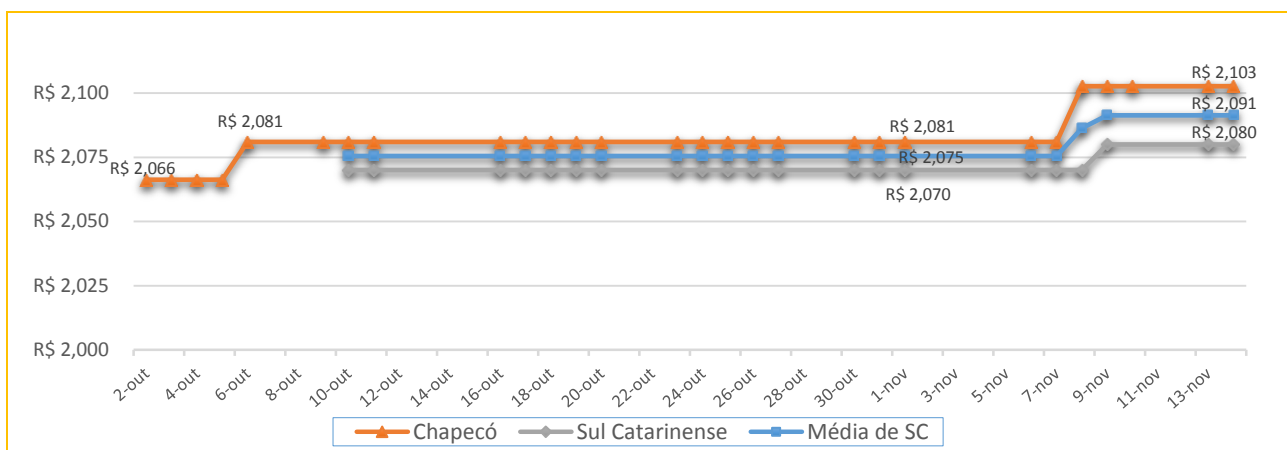
# Pecuária

## Avicultura

Alexandre Luís Giehl  
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa  
[alexandregiehl@epagri.sc.gov.br](mailto:alexandregiehl@epagri.sc.gov.br)

Após atingir os valores mais baixos do ano em agosto, em setembro os preços do frango vivo iniciaram um processo de recuperação que continuou nos meses seguintes. No início de outubro observou-se variação de 0,71% em Chapecó, permanecendo o preço inalterado no restante do mês. Na segunda semana de novembro foi registrado novo aumento naquela praça, dessa vez de 1,04%. Com tais oscilações, o preço médio de outubro (R\$ 2,078) ficou 0,79% abaixo da média preliminar de novembro (R\$ 2,094).

No Sul Catarinense não foram registradas alterações de preços durante o mês de outubro (não foi realizada coleta de preços naquela praça entre os dias 22 de setembro e 09 de outubro). Contudo, na segunda semana de novembro o preço diário subiu 0,48%, o que fez com que o preço médio preliminar de novembro (R\$ 2,074) esteja 0,21% acima da média de outubro (R\$ 2,070).



<sup>(1)</sup> Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

<sup>(2)</sup> Tendo em vista a ausência de preços para o Sul Catarinense no período de 2 a 9 de outubro, não foi realizado o cálculo da média diária estadual para esse período.

Fonte: Epagri/Cepa.

**Frango vivo – Preço médio nominal<sup>(1)</sup> diário para avicultores de duas regiões de Santa Catarina e média estadual – 2/out. a 14/nov./2017<sup>(2)</sup>**

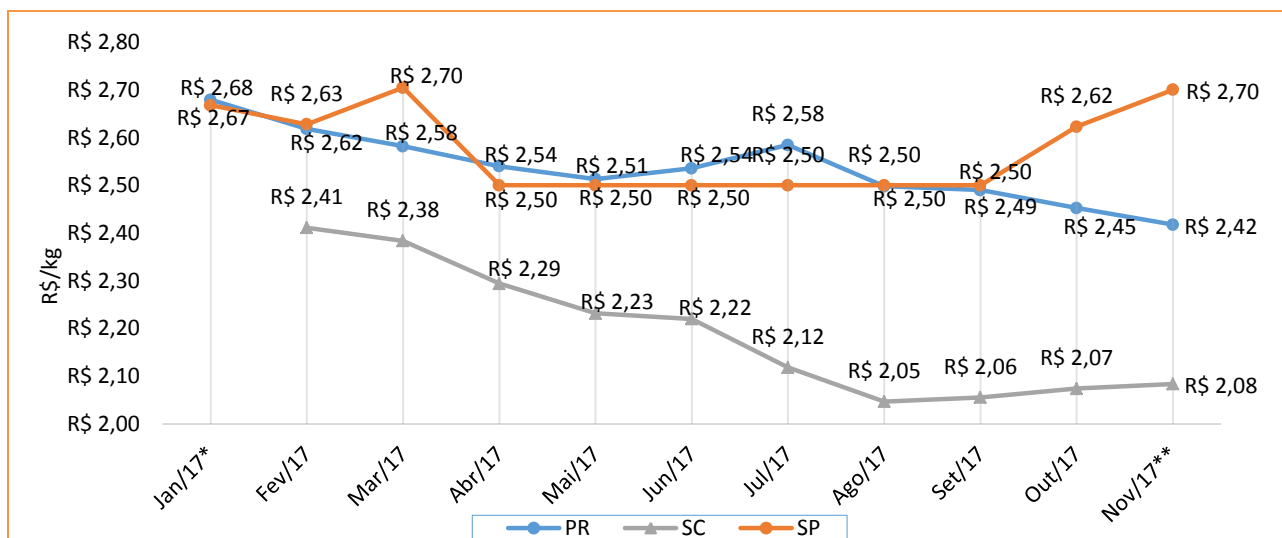
Em relação a 13 de março (última coleta realizada antes da deflagração da Operação Carne Fraca), os preços de 14 de novembro (data de finalização deste artigo) apresentavam variações de -10,65% em Chapecó, -14,05% no Sul Catarinense e -12,38% na média estadual.

Em dois outros importantes estados produtores (Paraná e São Paulo), os preços do frango vivo apresentaram comportamentos distintos aos observados em Santa Catarina. Em São Paulo, embora também tenha sido registrado elevação, essa foi bem mais significativa do que em Santa Catarina. Após permanecer seis meses sem alteração, o preço do frango vivo aumentou 4,90% em outubro e em novembro subiu 2,96% até o momento. Já o Paraná registra queda pelo quarto mês consecutivo. Em relação a outubro, o preço médio preliminar de novembro é 1,43% mais baixo.

Apesar dos aumentos registrados em São Paulo e Santa Catarina, os preços atuais ainda estão significativamente abaixo daqueles praticados em novembro de 2016: -21,40% no Paraná, -13,45% em



Santa Catarina e -12,90% em São Paulo. A inflação acumulada nos últimos 12 meses, medida pelo INPC (IBGE), foi de 1,83%.



(<sup>1</sup>) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

\* Não há dados de Santa Catarina para o mês de janeiro/2017.

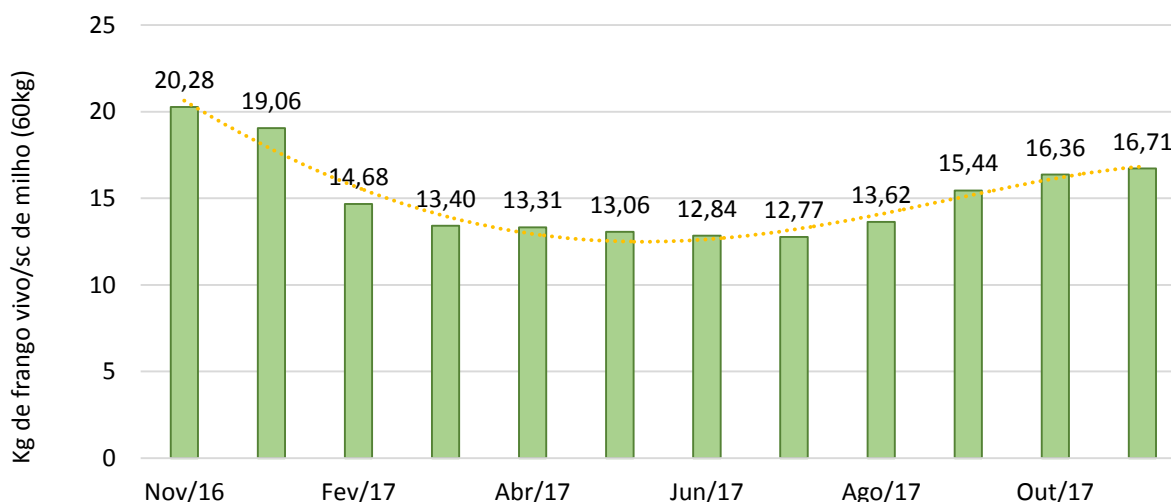
\*\* Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/nov./2017.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); IEA (SP); SEAB (PR).

**Frango vivo – Preço médio nominal<sup>(1)</sup> mensal para avicultores em Santa Catarina, São Paulo e Paraná – 2017**

Em outubro o Índice de Custos de Produção do Frango (ICPFrango), calculado pela Embrapa Suínos e Aves, apresentou elevação de 2,74%, segunda variação positiva deste ano. Esse movimento foi causado principalmente pela elevação dos custos com nutrição (1,37%), item que compõem cerca de 2/3 do ICPFrango. Também contribuíram significativamente os aumentos no valor dos pintos de 1 dia (0,69%) e do transporte (0,48%). No acumulado de 12 meses, entretanto, ainda se verifica queda de 14,12% nos custos de produção.

A relação de equivalência insumo/produto, índice calculado pela Epagri/Cepa, apresentou novamente variação positiva, com aumento de 5,94% em outubro. Os dados preliminares de novembro indicam nova variação positiva, até o momento de 2,14%. Apesar disso, o índice atual ainda é 17,59% menor que o de novembro de 2016. Desde agosto vem sendo registrados aumentos nesse indicador.



Para cálculo da relação de equivalência insumo/produto utiliza-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó, SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro/2017.

\* O valor de novembro é preliminar, relativo ao período de 1 a 14/nov./2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

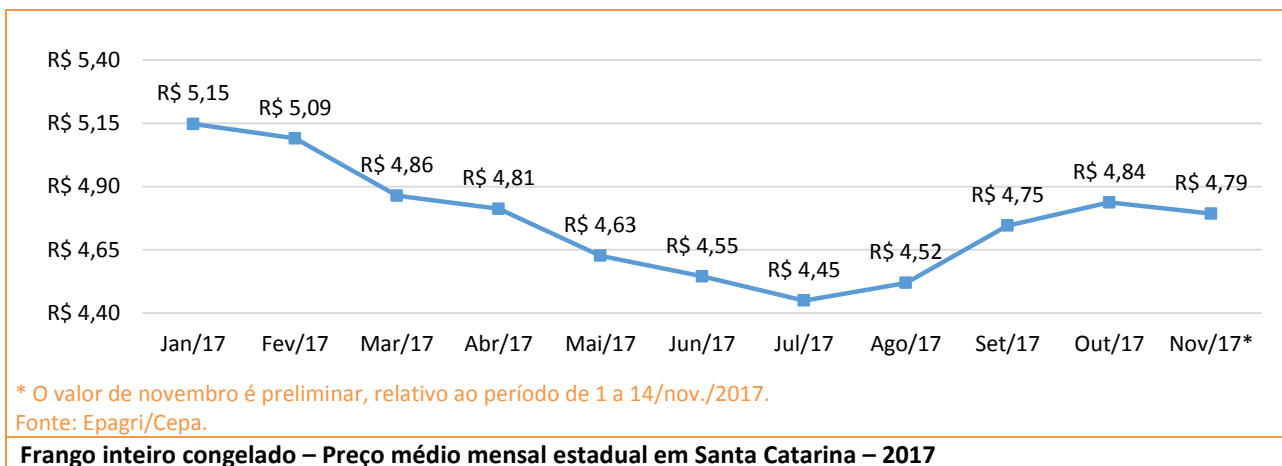
#### Quantidade de frango vivo necessária para adquirir um saco de milho em Santa Catarina – 2016/2017

Esse movimento de alta é decorrente das variações no preço de atacado do milho na região de Chapecó, que desde agosto já aumentou 28,20%. Em novembro a variação foi de 2,94%, o que aponta para uma redução no ritmo de alta, que já chegou a ser de 14,62% (em setembro). Ressalta-se que a relação de troca só não apresentou variações maiores nos últimos meses em função dos aumentos no preço do frango vivo observadas no período.

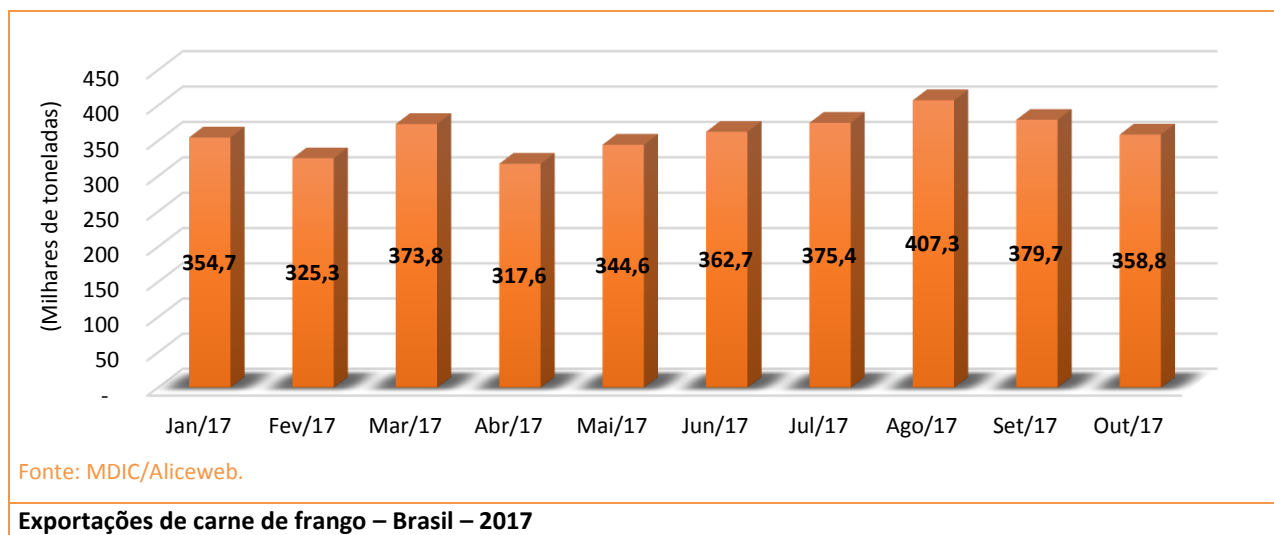
O aumento no preço do milho deve-se principalmente à expectativa de redução da quantidade colhida na safra em curso. Conforme o 2º Relatório de Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos 2017/18, deve-se registrar redução de -15,0% a -19,7% na 1ª safra e de -4,9% a -6,3% no total do ciclo (1ª e 2ª safras).

Em Santa Catarina também são esperadas reduções bastante significativas. A área plantada na 1ª safra deve sofrer queda de 12,36%, passando de 363 mil hectares para 318,1 mil hectares, com expectativa inicial de colheita de 2,63 milhões de toneladas (-16,51% em relação ao ciclo anterior) conforme estimativas da Epagri/Cepa.

No que diz respeito ao mercado atacado da carne de frango, em novembro têm sido observados comportamentos distintos, de acordo com o tipo de corte. A coxa/sobrecoxa congelada e o filé de peito congelado apresentaram altas de 0,36% e 1,22%, respectivamente. Por outro lado, o peito com osso congelado apresentou queda de 4,48%, enquanto o preço do frango inteiro congelado recuou 0,91%. No caso do frango inteiro, essa queda interrompe uma sequência de três meses consecutivos de altas.



Em outubro o Brasil exportou 358,81 mil toneladas de carne de frango (*in natura* e industrializada), recuo de 5,50% em relação ao mês anterior. Contudo, quando comparado a outubro de 2016, o montante atual é 16,47% superior.



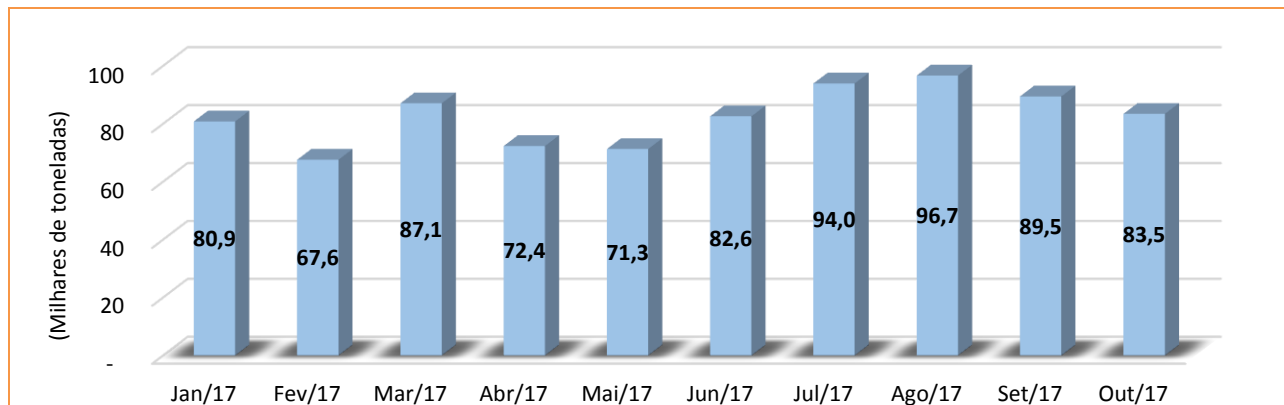
As receitas externas de outubro foram de US\$623,78 milhões, queda de 1,00% em relação a setembro, mas alta de 24,44% na comparação com outubro de 2016.

As receitas acumuladas de janeiro a outubro deste ano atingiram o montante de US\$6,07 bilhões, aumento de 7,01% em relação ao mesmo período de 2016. Em termos de quantidade de carne exportada, nos dez primeiros meses de 2017 atingiu-se o montante de 3,60 milhões de toneladas, queda de 0,79% em relação ao ano anterior.

Os principais destinos externos da carne de frango brasileira em outubro mais uma vez foram Japão, China e Arábia Saudita, que juntos responderam por 35,93% das receitas do País com esse produto.

Os dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC) referentes às duas primeiras semanas de novembro apontam queda na média diária de embarques de carne de frango *in natura*, em relação a outubro: -10,33% em valor e -10,95% em quantidade. Quando se compara os valores de novembro deste ano com as médias diárias do mesmo mês de 2016, observa-se aumento de 5,47% no valor exportado, mas queda 2,85% na quantidade.

As exportações catarinenses de carne de frango também registraram queda em outubro: 83,46 mil toneladas, queda de 6,72% em relação ao mês anterior. Contudo, quando comparado a outubro de 2016 os números atuais expressam um incremento de 2,05%.



Fonte: MDIC/Aliceweb.

#### Exportações de carne de frango – Santa Catarina – 2017

Quanto às receitas, as exportações catarinenses de frango geraram US\$164,57 milhões em outubro, o que representa queda de 2,33% em relação ao mês anterior. Por outro lado, quando se toma como referência o mês de outubro de 2016, a variação é positiva (14,12%).

O somatório das exportações catarinenses de carne de frango em 2017 é de 825,48 mil toneladas, queda de 1,18% em relação a 2016. Em termos de receitas o resultado é positivo: US\$1,54 bilhão, aumento de 8,18% em relação ao mesmo período do ano anterior.

Os três principais destinos da carne catarinense exportada em agosto foram Japão, Países Baixos (Holanda) e China, que responderam por 35,28% do valor das exportações do Estado.

#### Principais destinos das exportações de carne de frango – Santa Catarina – Outubro/2017

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Japão	26.339.484,00	11.465.454
Países Baixos (Holanda)	16.582.087,00	6.157.165
China	15.143.166,00	8.062.691
Coreia do Sul	10.303.330,00	4.440.042
Reino Unido	9.584.238,00	3.243.089
Demais países	86.622.358,00	50.090.158
<b>Total</b>	<b>164.574.663,00</b>	<b>83.458.599</b>

Fonte: MDIC/Aliceweb.

Mais uma vez, como vem ocorrendo frequentemente desde março, as exportações para a China apresentaram queda em relação ao mesmo mês do ano anterior (-2,77% em valor e -4,97% em quantidade), impactando nos resultados do período.

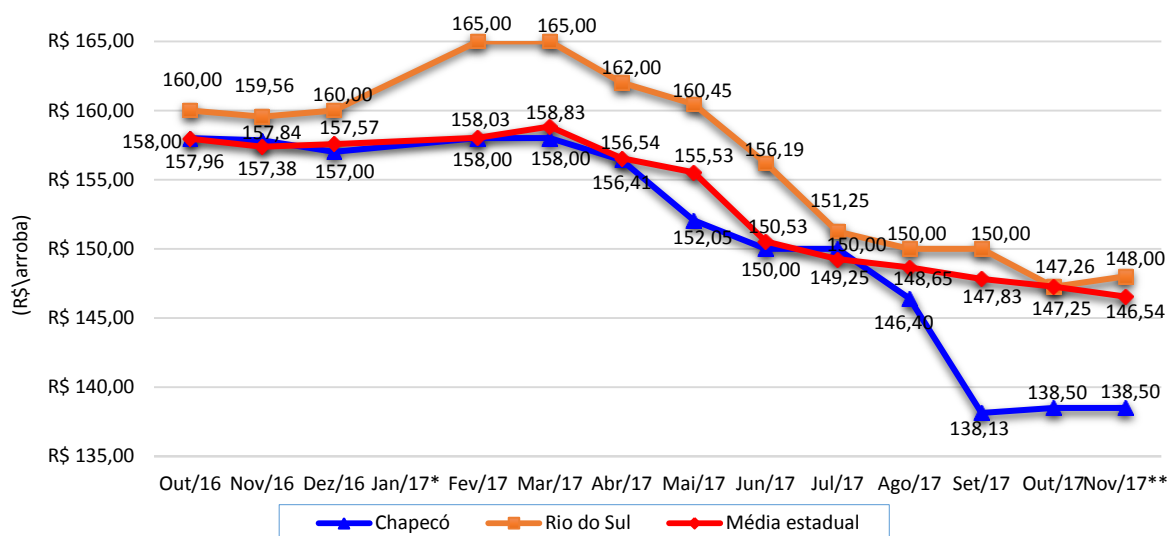
## Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl  
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa  
[alexandre giehl@epagri.sc.gov.br](mailto:alexandre giehl@epagri.sc.gov.br)

A primeira quinzena de novembro registrou poucas variações de preços no mercado do boi gordo em Santa Catarina, situação já observada no mês anterior. Após começar outubro em queda e atingir o patamar de R\$ 145,00/arroba em meados daquele mês, o preço do boi gordo na praça de Rio do Sul recuperou parte da queda e voltou ao patamar de R\$ 148,00 na última semana de outubro, preço que se mantém até a finalização deste boletim. Tais oscilações fazem com que a média preliminar de novembro esteja 0,51% acima da média de outubro. Contudo, quando a comparação é com novembro de 2016 a defasagem do preço atual é de 7,24%.

Já Chapecó não apresentou variação entre o preço médio de outubro e a média preliminar de novembro. Em relação a novembro de 2016 existe uma defasagem de 11,78%.

A média estadual (elaborada a partir dos preços de 8 praças de coleta) apresenta uma pequena queda de 0,48% em novembro, situação que vem se repetindo desde abril. Na comparação com novembro de 2016 a média preliminar deste mês registra defasagem de 7,00%.



(1) Para pagamento em 20 dias.

\* No mês de janeiro de 2017 não há dados disponíveis para as praças de Chapecó e Rio do Sul. Em função da ausência das praças de referência, optou-se por não utilizar o preço médio estadual desse período, para evitar distorções.

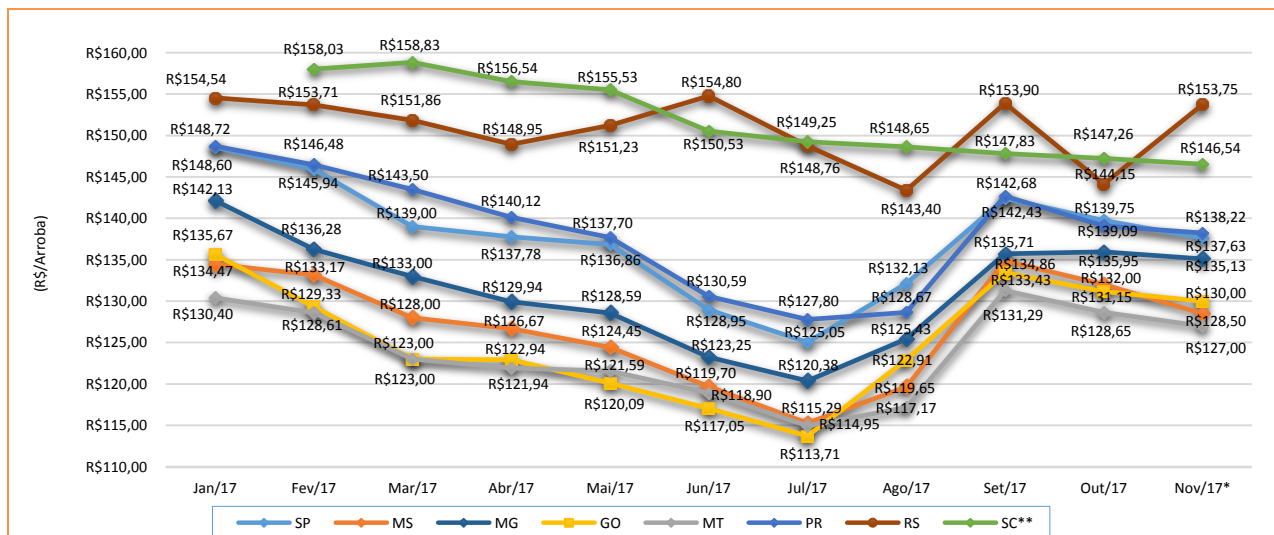
\*\* Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/nov./2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

### Evolução do preço médio mensal do boi gordo<sup>(1)</sup> nas praças de Chapecó e Rio do Sul – 2016/2017

Assim como já havia acontecido em outubro, o mês de novembro inicia com quedas de preços na maioria dos principais estados produtores, situação que interrompe o processo de recuperação observado a partir de julho. Dos oito estados analisados, sete registram quedas nos preços médios preliminares de novembro: Mato Grosso do Sul (-2,65%), São Paulo (-1,52%), Mato Grosso (-1,28%), Goiás (-0,88%), Paraná (-0,63%), Minas Gerais (-0,61%) e Santa Catarina (-0,48%). O único estado acompanhado que até o momento registra elevação em novembro é o Rio Grande do Sul (6,66%).

Quando comparados a novembro de 2016, os preços atuais do boi gordo estão defasados na maioria dos estados: -8,35% em Goiás, -8,25% em São Paulo, -7,55% no Paraná, -7,52% em Mato Grosso do Sul, -6,89% em Santa Catarina, -6,33% em Minas Gerais e -6,15% no Mato Grosso. O único estado cuja variação é positiva é o Rio Grande do Sul: 3,59%. A inflação acumulada nos últimos 12 meses, medida pelo INPC (IBGE), foi de 1,83%.

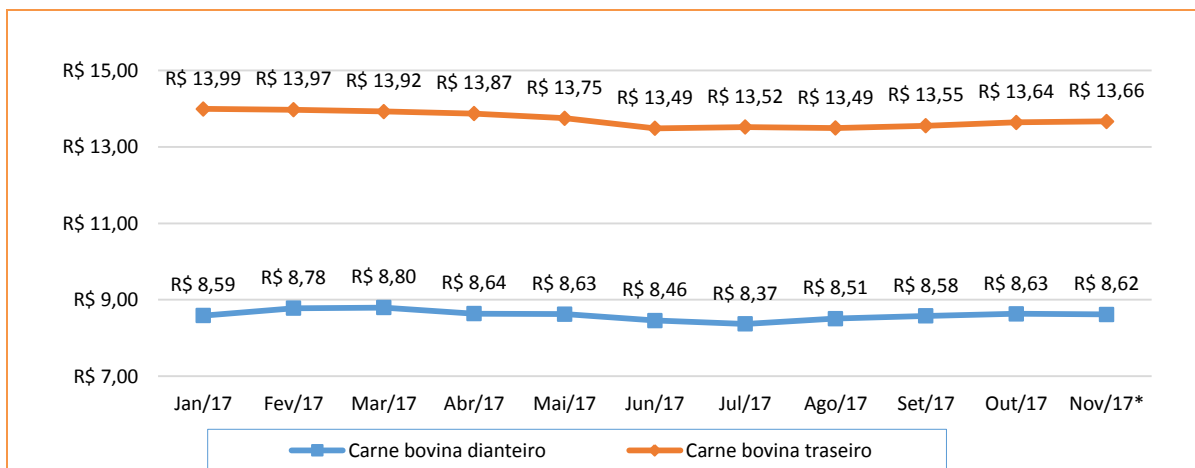


\* Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/nov./2017.

\*\* Tendo em vista a ausência de dados das praças de referência (Chapecó e Rio do Sul) para o mês de janeiro, optou-se por não utilizar o preço médio estadual de SC para esse período.

Fonte: Epagri/Cepa<sup>(1)</sup>; Cepea<sup>(2)</sup>; SEAB<sup>(3)</sup>; Nespro<sup>(4)</sup> (2017).

**Evolução dos preços da arroba de boi gordo em SC<sup>(1)</sup>, SP<sup>(2)</sup>, MG<sup>(2)</sup>, GO<sup>(2)</sup>, MT<sup>(2)</sup>, MS<sup>(2)</sup>, PR<sup>(3)</sup> e RS<sup>(4)</sup> – 2017**



\* Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/nov./2017.

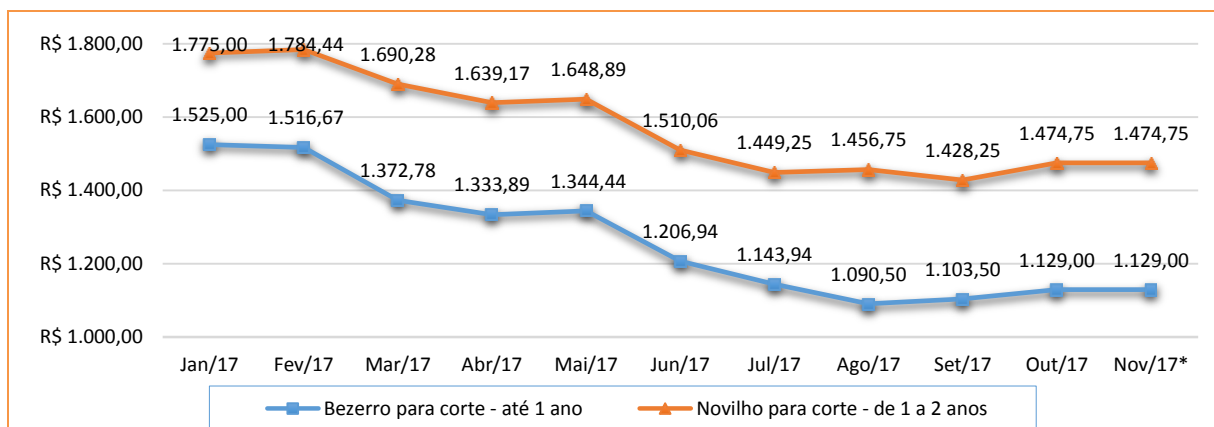
Fonte: Epagri/Cepa.

**Carne bovina – Atacado – Preço médio mensal estadual de dianteiro e traseiro em Santa Catarina – 2017**

Na primeira quinzena de novembro registraram-se oscilações muito pequenas nos preços de atacado da carne bovina em Santa Catarina, conforme apontam os dados levantados pela Epagri/Cepa. O preço médio preliminar de novembro da carne de traseiro encontra-se apenas 0,17% acima da média de outubro. Na comparação com novembro de 2016 a diferença também é pequena: -1,01%.

Já o dianteiro apresentou leve oscilação negativa entre outubro e novembro (-0,23%). Em relação a novembro de 2016 a defasagem é de 1,68%.

O mercado dos animais de reposição permanece estável. Na primeira quinzena de novembro não se registrou nenhuma variação de preços em relação ao mês anterior, tanto para os bezerros de até 1 ano quanto para os novilhos de 1 a 2 anos, conforme fica evidenciado no gráfico a seguir.

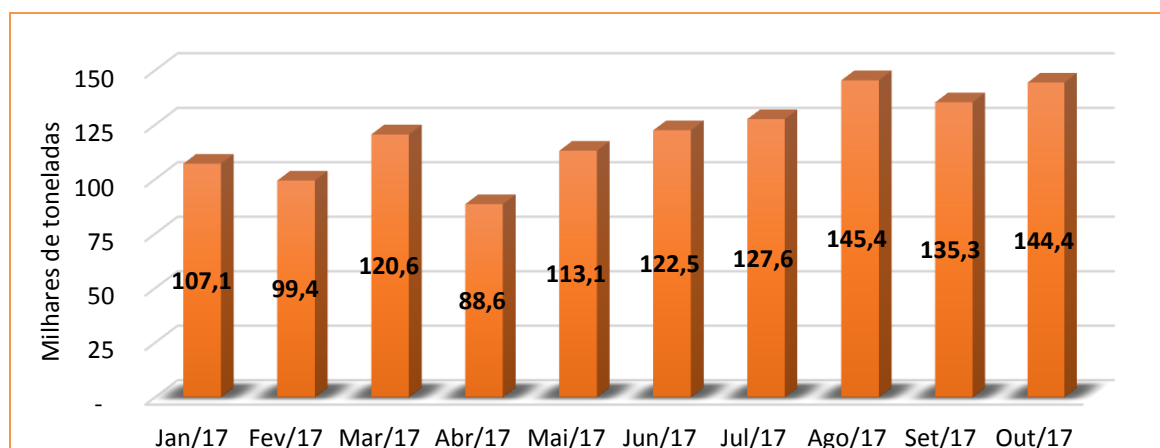


\* Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/nov./2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

**Evolução dos preços de bezerro e novilho para corte em SC – Preço médio estadual – 2017**

Após uma oscilação negativa em setembro, em outubro as exportações de carne bovina do Brasil voltaram a apresentar crescimento. Conforme dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), em outubro o País exportou 144,39 mil toneladas de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), aumento de 6,71% em relação a setembro e de 39,76% na comparação com outubro de 2016.



Fonte: MDIC / Aliceweb.

**Exportações de carne bovina – Brasil – 2017**

As receitas de outubro foram de US\$601,65 milhões, aumento de 8,49% em relação ao mês anterior e de 38,05% na comparação com outubro de 2016.

No acumulado do ano já foram exportadas 1,20 milhão de toneladas, 5,20% mais do que no mesmo período de 2016. Em termos de receitas, o acumulado do ano atingiu US\$4,92 bilhões, aumento de 9,68% em relação a 2016.

Os cinco principais destinos da carne bovina brasileira exportada em outubro foram Hong Kong, China, Irã, Egito e Rússia, responsáveis por 69,58% das receitas. Hong Kong, principal importador de carne bovina do Brasil, novamente ampliou suas aquisições em outubro, quando comparado ao mesmo mês do ano anterior: aumento de 73,11% em valor e 67,22% em quantidade. A China continental, contudo, que também vinha apresentando incrementos significativos nos meses anteriores, apresentou queda de 2,18% em valor e de 3,16% em quantidade, na comparação com outubro do ano passado.

Principais destinos das exportações de carne bovina – Brasil – Outubro/2017		
País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Hong Kong	137.677.569	35.766.079
China	92.217.650	20.614.887
Irã	77.372.512	17.631.109
Egito	65.970.388	19.156.210
Rússia	45.416.154	14.279.304
Demais países	182.996.993	36.940.577
<b>Total</b>	<b>601.651.266</b>	<b>144.388.166</b>

Fonte: MDIC/Aliceweb.

De acordo com os dados do MDIC referentes às duas primeiras semanas de novembro, a média diária de embarques de carne bovina *in natura* subiu em relação a outubro: 8,02% em valor e 6,55% em quantidade. Quando comparado a novembro de 2016, os resultados preliminares apontam crescimento ainda mais significativo nas médias diárias: 54,03% em valor e 59,38% em quantidade. Tais números indicam que o mês de novembro deve também registrar resultados positivos, consolidando o crescimento esperado para 2017.

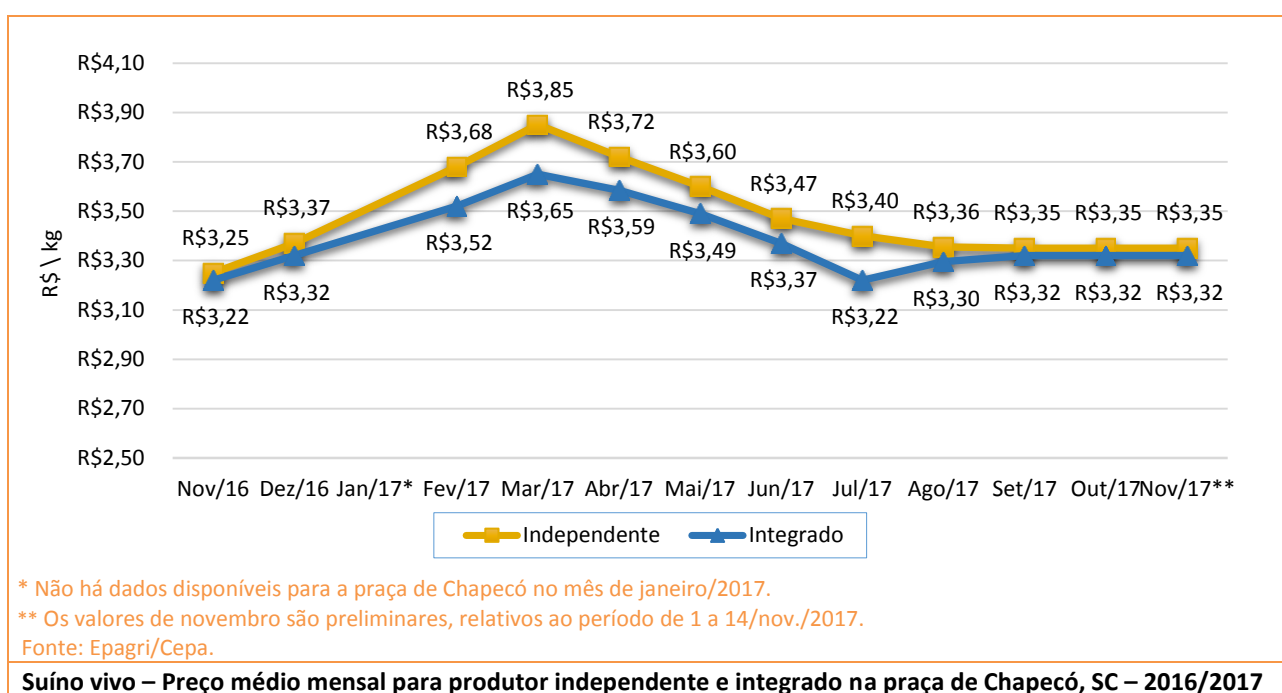
Segundo analistas do setor, a demanda externa de carne bovina tem favorecido essa perspectiva de crescimento. Parte desse cenário deve-se à retração nas vendas da Austrália, em função de problemas climáticos que aqueles país vem enfrentando nos últimos anos. Com isso, o Brasil está ampliando sua participação em mercados onde compete com os australianos, como é o caso de China e Rússia.



## Suinocultura

Alexandre Luís Giehl  
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa  
[alexandregiehl@epagri.sc.gov.br](mailto:alexandregiehl@epagri.sc.gov.br)

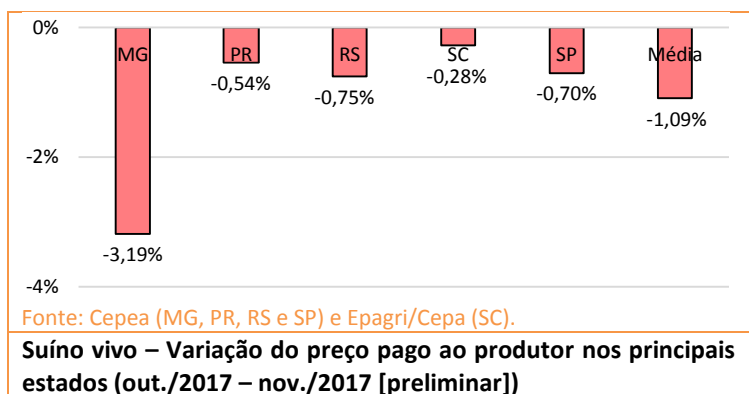
Nas primeiras semanas de novembro o mercado catarinense de suínos mantém a estabilidade que tem predominado nesse setor desde agosto passado. Em Chapecó, praça de referência para o suíno vivo, até o momento os preços preliminares de novembro não sofreram alterações em relação aos dois meses anteriores, tanto para os produtores integrados quanto para os independentes. Os preços atuais estão acima daqueles praticados em novembro de 2016: 3,08% para o produtor independente e 3,11% para o integrado.



**Suíno vivo – Preço médio mensal para produtor independente e integrado na praça de Chapecó, SC – 2016/2017**

Por outro lado, os valores atuais estão abaixo daqueles praticados na praça de Chapecó antes da Operação Carne Fraca: -12,99% para os produtores independentes, -9,04% para os integrados e -11,07% na média.

Seguindo o padrão observado nos últimos meses, mais uma vez os preços dos suínos vivos apresentaram comportamento inconstante nos principais estados produtores do País.

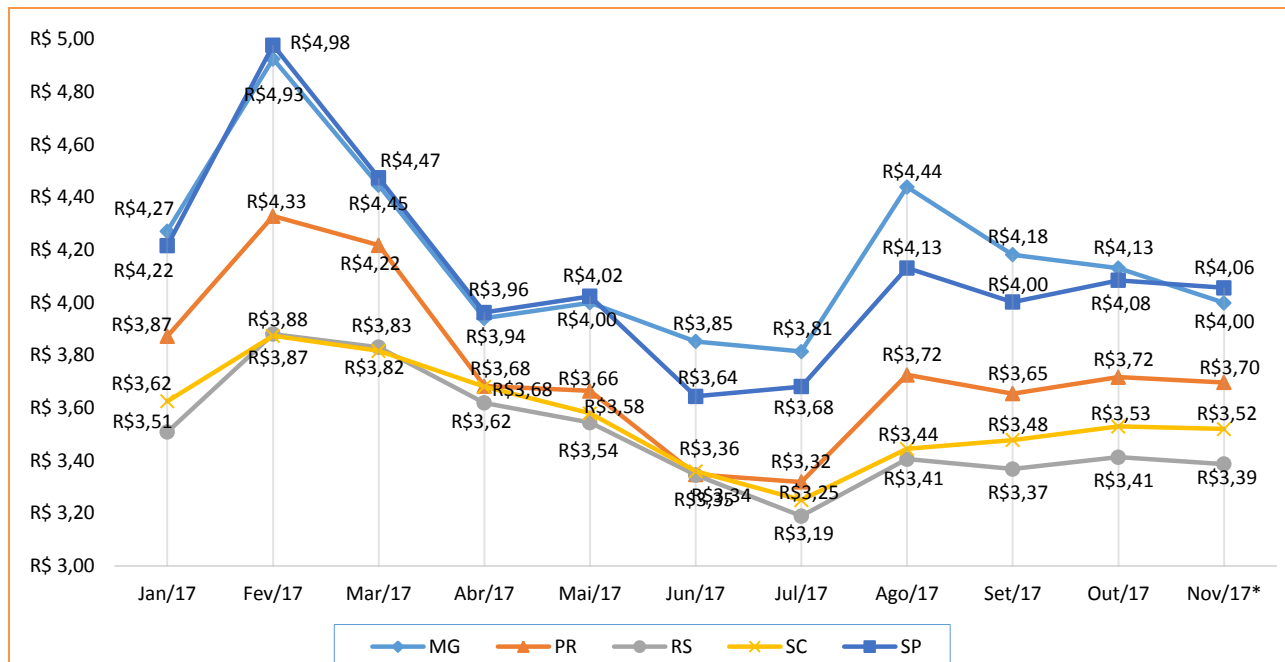


**Suíno vivo – Variação do preço pago ao produtor nos principais estados (out./2017 – nov./2017 [preliminar])**

Após números positivos na maioria dos estados em outubro, a primeira quinzena de novembro apresenta quedas nos cinco estados analisados: -3,19% em Minas Gerais, -0,75% no Rio Grande do Sul, -0,70% em São Paulo, -0,54% no Paraná e -0,28% em Santa Catarina (média estadual, incluindo integrados e independentes).

A variação média nesses estados é de -1,09%.

No gráfico abaixo podem ser observadas as oscilações nos preços pagos ao produtor durante o ano de 2017 nos estados mencionados anteriormente.



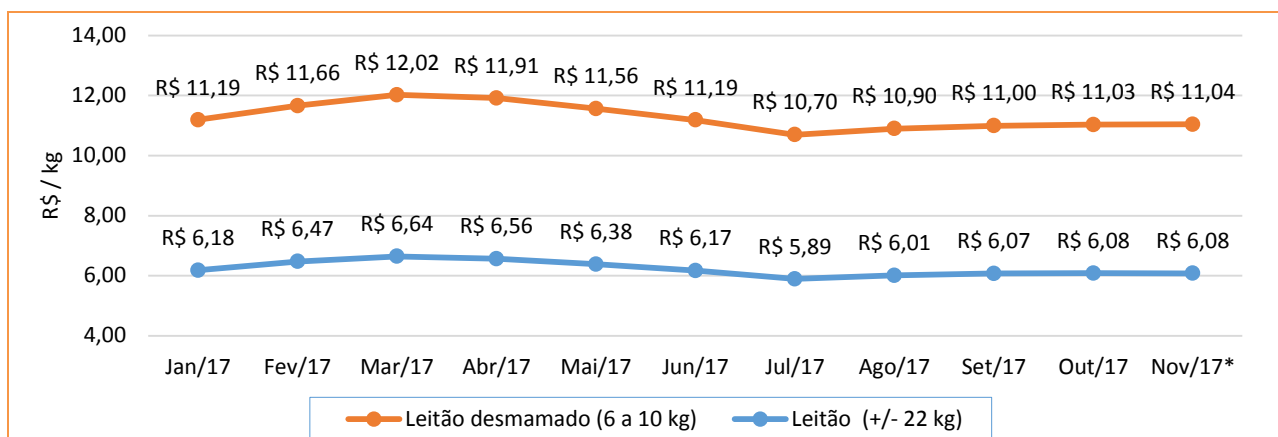
\* Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/nov./2017.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

**Suíno vivo – Evolução do preço pago nos principais estados produtores (R\$/kg de suíno vivo) – 2017**

Quando se compara os valores atuais com aqueles praticados em novembro de 2016, na maioria dos estados registram-se variações negativas: -5,05% em Minas Gerais, -0,60% no Rio Grande do Sul, -0,56% no Paraná e -0,22% em São Paulo. O único estado a registrar variação positiva na comparação entre os dois períodos é Santa Catarina, com elevação de 8,80% no preço médio pago ao produtor. A inflação acumulada nos últimos 12 meses, medida pelo INPC (IBGE), foi de 1,83%.

Se os preços dos suínos vivos para abate encontram-se estáveis em Santa Catarina há vários meses, a situação não é diferente no caso dos leitões. Os dados preliminares de novembro apontam poucas variações nos preços dos leitões de ambas as categorias, o que vem sendo observado desde setembro. Os leitões de 6 a 10kg variaram positivamente 0,09% em relação à média do mês anterior, enquanto os leitões de +/-22kg apresentam pequena redução de 0,09%. Quando se compara os preços atuais com os praticados em novembro de 2016, verificam-se variações positivas de 4,53% e 4,40% para os leitões de 6 a 10kg e de +/-22kg, respectivamente.



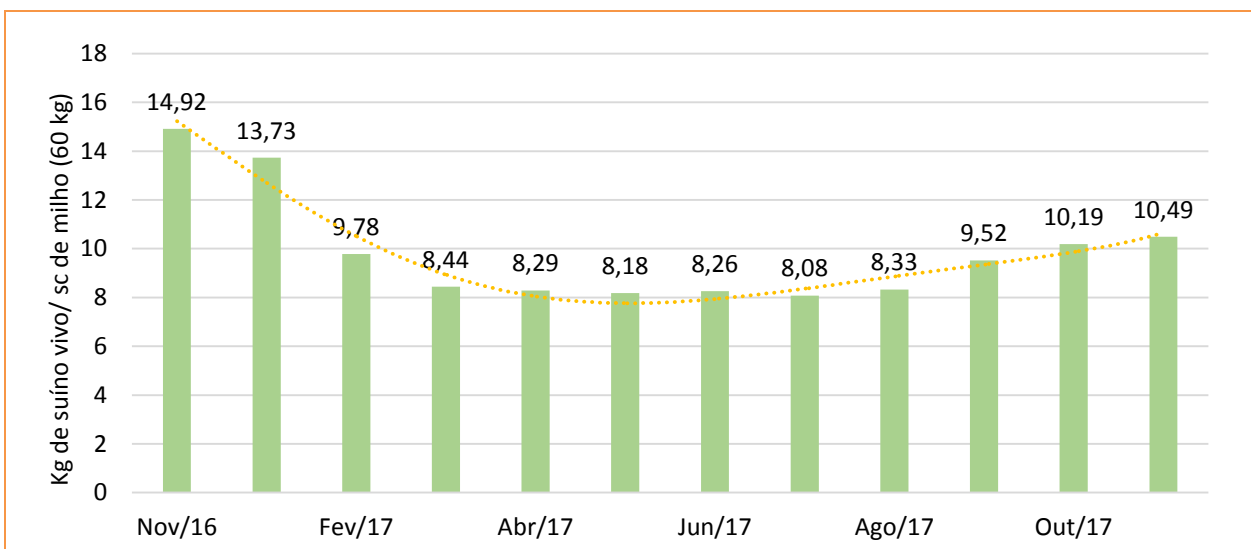
\* Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/nov./2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

**Leitão – Preço médio mensal do leiteão por categoria em Santa Catarina – 2017**

Em setembro o Índice de Custos de Produção de Suínos (ICPSuíno), calculado pela Embrapa Suínos e Aves, apresentou alta de 4,56%, na comparação com o mês anterior. O componente que mais contribuiu para esse resultado foi a nutrição (alta de 4,42%). Apesar desse aumento, no acumulado de 12 meses o ICPSuíno variou -20,44%. Até a data de finalização deste boletim a Embrapa ainda não havia divulgado os dados referentes ao mês de outubro.

Desde agosto deste ano a relação de equivalência insumo/produto, índice calculado pela Epagri/Cepa, vem apresentando variações positivas, principalmente em função dos aumentos no preço do milho. Os dados preliminares de novembro indicam a continuidade desse movimento, conforme é possível perceber no gráfico a seguir. Entre outubro e novembro a variação foi de 2,94% até o momento. No entanto, quando comparado a novembro de 2016 o valor atual é 33,76% inferior.



Para o cálculo da relação de equivalência insumo/produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro.

\* Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/nov./2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

**Quantidade necessária de suíno vivo para adquirir um saco de milho (60kg) – Praça de Chapecó, SC – 2016/2017**

O preço de atacado do milho na região de Chapecó aumentou 2,94% na primeira quinzena de novembro em relação ao mês anterior. Desde agosto a alta acumulada é de 28,20%. Esses aumentos devem-se principalmente à expectativa de redução da safra atual. Conforme o 2º Relatório de Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos 2017/18, deve-se registrar redução de -15,0% a -19,7% na 1ª safra e de -4,9% a -6,3% no total do ciclo (1ª e 2ª safras).

Em Santa Catarina também são esperadas reduções bastante significativas. A área plantada na 1ª safra deve sofrer queda de 12,36%, passando de 363 mil hectares para 318,1 mil hectares, com expectativa inicial de colheita de 2,63 milhões de toneladas (-16,51% em relação ao ciclo anterior) conforme estimativas da Epagri/Cepa.

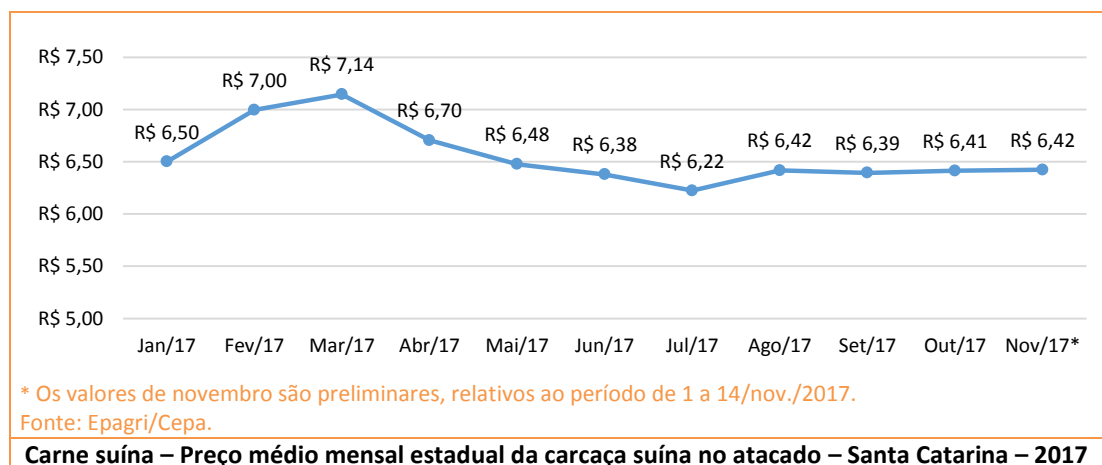
No mercado atacado, os cinco cortes cujo preço é levantado pela Epagri/Cepa mais uma vez apresentaram comportamentos distintos, embora com diferenças pouco significativas. Em dois casos foram registradas altas nos preços preliminares de novembro (média estadual) em relação a outubro: carré (0,34%) e carcaça (0,15%). Nos demais se observou quedas: costela (-0,76%), lombo (-0,41%) e pernil (-0,29%).

<b>Carne suína – Preços médio estadual no atacado – Santa Catarina – 2017</b>			
<b>Produto</b>	<b>Setembro/17</b>	<b>Outubro/17</b>	<b>Novembro/17*</b>
Carré (sem couro)	R\$ 8,54	R\$ 8,50	R\$ 8,53
Costela (sem couro)	R\$ 12,56	R\$ 12,43	R\$ 12,33
Lombo	R\$ 11,69	R\$ 11,95	R\$ 11,90
Carcaça	R\$ 6,39	R\$ 6,41	R\$ 6,42
Pernil (com osso e sem couro)	R\$ 7,36	R\$ 7,36	R\$ 7,34

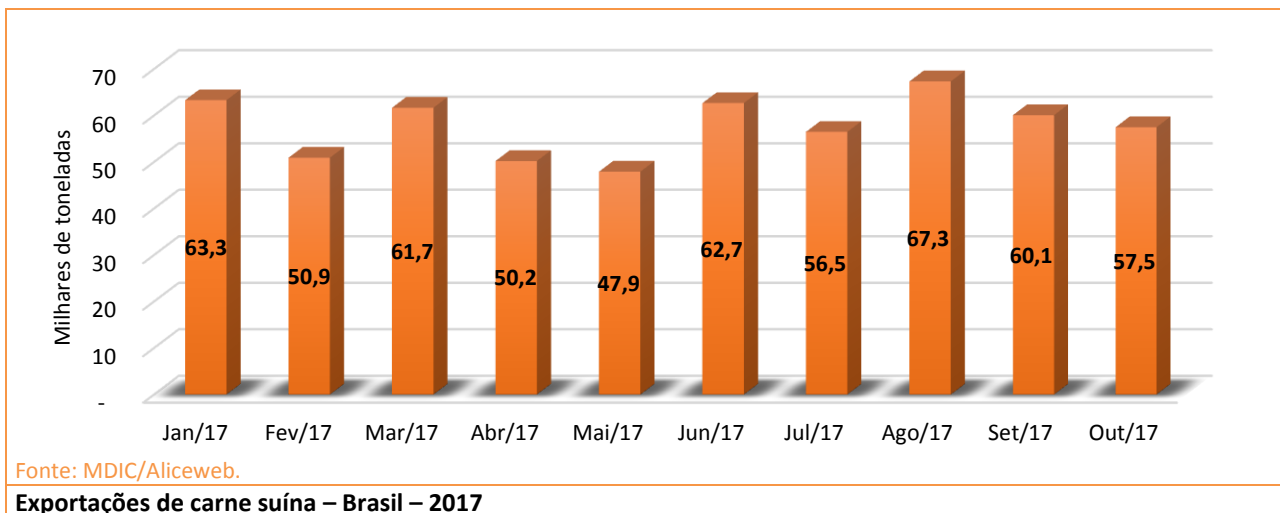
\* Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/nov./2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

O gráfico apresentado na sequência detalha a evolução do preço médio estadual de atacado da carcaça suína durante o ano de 2017. A carcaça tem mantido preços estáveis nos últimos quatro meses.



Em outubro o Brasil exportou 57,47 mil toneladas de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), conforme demonstram os dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC). Esse montante representa um decréscimo de 4,34% em relação ao mês anterior e de 6,66% quando comparado a outubro de 2016.



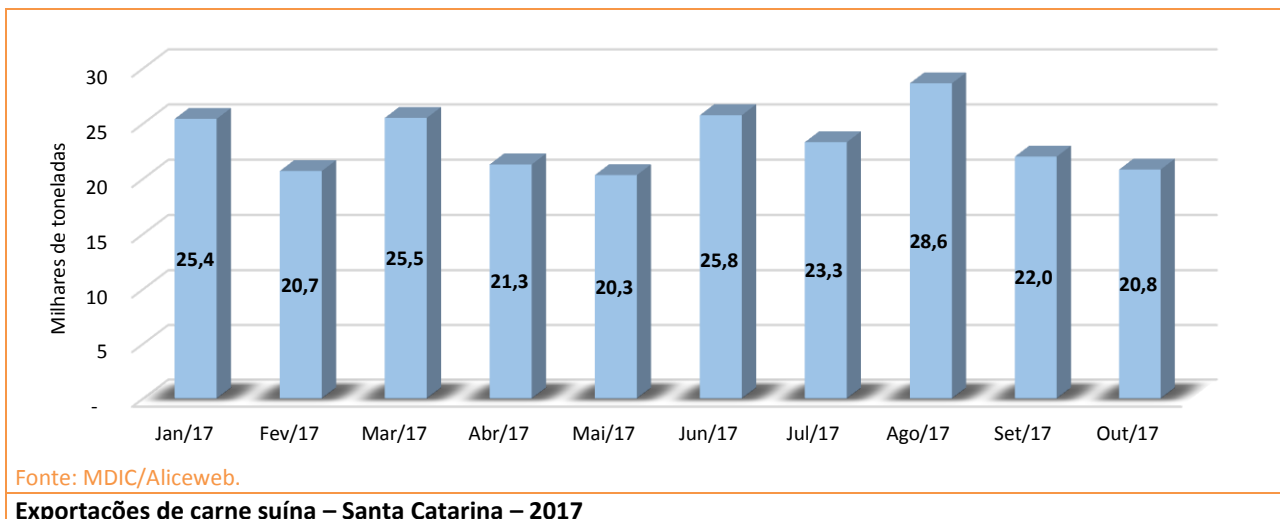
As receitas de outubro (US\$134,35 milhões) também apresentaram quedas: -3,23% em relação ao mês anterior e -7,84% na comparação com outubro de 2016.

No acumulado do ano foram exportadas 578,02 mil toneladas de carne suína, queda de 4,27% em relação ao mesmo período de 2016. Por outro lado, as receitas desse período somaram US\$1,37 bilhão, aumento de 14,57%.

Os principais destinos externos da carne suína brasileira no mês passado foram Rússia, Hong Kong, Cingapura, Argentina e Uruguai, que responderam por 80,99% das receitas com esse produto. Em outubro observou-se nova queda nas exportações de carne suína para a China: -62,22% em valor e -54,40% em quantidade, em comparação com o mesmo mês de 2016. Após uma queda expressiva em setembro, a Rússia, maior comprador da carne suína brasileira, voltou a apresentar índices positivos: aumento de 5,16% em valor e de 9,50% em quantidade, na comparação com outubro de 2016.

De acordo com os dados de exportação das duas primeiras semanas de novembro, divulgados pelo MDIC, a média diária de embarques de carne suína *in natura* aumentou em relação a outubro: 13,74% em valor e 11,54% em quantidade. Quando comparados com novembro de 2016, no entanto, os resultados preliminares são negativos: -15,11% em valor e 10,85% em quantidade.

Assim como já havia ocorrido em setembro, o mês de outubro registrou novamente quedas nas exportações catarinenses de carne suína: foram embarcadas 20,84 mil toneladas, montante 9,50% menor que o mês anterior e 5,33% abaixo da quantidade exportada em outubro de 2016.



As receitas também apresentaram resultados desfavoráveis em outubro: US\$46,04 milhões, o que representa queda de 5,95% em relação ao mês anterior e de 14,13% na comparação com outubro de 2016.

Não obstante os resultados dos dois últimos meses, no acumulado do ano as exportações catarinenses registram números positivos: 233,86 mil toneladas, aumento de 2,96% em relação ao mesmo período do ano anterior. Nesse mesmo período as receitas atingiram o montante de US\$546,50 milhões, aumento de 22,51% em relação a 2016.

Os principais destinos das exportações de carne suína catarinense em agosto foram Rússia, Hong Kong, Chile, Argentina e China, que responderam por 75,75% das receitas. Assim como já havia acontecido em setembro, no mês de outubro também se verificou a queda nas exportações catarinenses para a Rússia (-19,44% em valor e -16,78% em quantidade, na comparação com outubro de 2016) e para a China (-61,81% em valor e -52,61% em quantidade). Como mencionado anteriormente, no mês passado o Brasil ampliou suas vendas de carne suína para a Rússia.

<b>Principais destinos das exportações de carne suína – Santa Catarina – Outubro de 2017</b>		
<b>País</b>	<b>Valor (US\$)</b>	<b>Quantidade (t)</b>
Rússia	14.612.150,00	5.944.603
Hong Kong	6.765.285,00	3.471.801
Chile	5.724.931,00	2.481.650
Argentina	3.928.350,00	1.345.495
China	3.847.758,00	2.240.056
Outros países	11.165.893,00	5.355.240
<b>Total</b>	<b>46.044.367</b>	<b>20.838.845</b>

Fonte: MDIC/Aliceweb.

Em meados de novembro diversos veículos de comunicação divulgaram a notícia de que o órgão de vigilância agrícola da Rússia estaria avaliando a possibilidade de proibir as importações de carne suína e bovina do Brasil após encontrar o aditivo alimentar ractopamina, proibido naquele país, em alguns embarques oriundos do Brasil. Até a finalização deste boletim não havia maiores informações sobre a questão e tampouco manifestação oficial do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

## Leite

Tabajara Marcondes  
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa  
[tabajara@epagri.sc.gov.br](mailto:tabajara@epagri.sc.gov.br)

Segundo o calendário dos indicadores conjunturais do IBGE, apenas no dia 14/12 serão divulgados os números relativos à quantidade de leite recebida pelas indústrias com inspeção municipal, estadual e federal relativos ao terceiro trimestre de 2017 (Pesquisa Trimestral do Leite - PTL/IBGE).

Mesmo que nos anos recentes tenha sido comum encontrar divergências importantes entre os dados da PTL/IBGE e os divulgados via Índice de Captação de Leite, do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (ICAP-L/Cepea Brasil<sup>6</sup>), como este não foi o caso do primeiro semestre de 2017<sup>7</sup>, parece razoável projetar que nos meses mais recentes o ICAP-L/Cepea refletiu bem o que de fato vem ocorrendo em âmbito nacional, que, quando da sua divulgação, deverá ser confirmado pela PTL/IBGE.

<b>Índice de Captação de Leite Cepea (ICAP-L/Cepea) - Brasil - 2016-17</b>			
Mês	Índice		Variação %
	2016	2017	2017/16
Janeiro	185,67	181,58	-2,2
Fevereiro	177,17	176,00	-0,7
Março	164,15	170,66	4,0
Abril	158,59	168,79	6,4
Maio	156,01	170,07	9,0
Junho	158,23	181,65	14,8
Julho	166,19	189,67	14,1
Agosto	176,49	199,01	12,8
Setembro	187,50	207,18	10,5
<b>Jan./set.</b>	<b>1.530,00</b>	<b>1.644,61</b>	<b>7,5</b>
Outubro	187,65		
Novembro	188,73		
Dezembro	188,54		

Fonte: CEPEA (Base 100 = junho/2004).

Ou seja, embora as produções dos meses mais recentes não sejam suficientes para mudar a expectativa de que o ano de 2017 se caracterizará mais por recuperação do que por crescimento da produção nacional (dificilmente a quantidade de leite recebida pelas indústrias brasileiras inspecionadas em 2017 alcançará o recorde de 24,747 bilhões de litros de 2014), o fato é que os seus patamares se tornaram muito elevados para os atuais níveis de demanda.

<sup>6</sup> Esse índice é baseado em amostragem e objetiva registrar as variações nos volumes diários captados no RS, PR, SP, MG, GO, BA e SC. A média nacional é calculada conforme o peso mensal de cada estado quanto ao volume produzido, conforme informações do IBGE. Segundo a Pesquisa Trimestral do Leite/IBGE, esses estados representam cerca de 85% da quantidade de leite cru recebido pelas indústrias inspecionadas do Brasil.

<sup>7</sup> Pela PTL/IBGE, no primeiro semestre de 2017 a quantidade de leite recebida pelas indústrias brasileiras com inspeção municipal, estadual e federal foi 3,7% superior à do mesmo período do ano passado. Pelo ICAP-L/Cepea Brasil, a média nacional do volume de captado do primeiro semestre de 2017 foi 6,2% acima da do mesmo período de 2016.

Se procede o fato de que o excesso de oferta é mais momentâneo do que estrutural, fica ainda mais curioso o fato de recentemente ter se gastado tanta energia em tentar proibir as importações de lácteos do Uruguai e de se tratar tão pouco da formação de estoques públicos e privados de alguns lácteos.

O caso da formação de estoques privados é especialmente curioso na medida em que sequer necessitaria da utilização de recursos orçamentários das tradicionais políticas de sustentação de preços/formação de estoques (que inexistem, segundo informação das fontes oficiais), embora fosse indispensável o aporte de crédito para capital de giro das indústrias lácteas interessadas.

O fato de se dar tanta publicidade aos esforços para impedir as importações provenientes do Uruguai chegou a suscitar comentários de que as importações haviam sido impedidas e que o quadro de preços internos melhorara ou tendia a melhorar em função disso. Não é o caso. Primeiro, porque a medida não repercutiria de maneira importante sobre as importações de outubro, que seguiram praticamente normais (a novidade é que no acumulado de janeiro a outubro a Argentina superou o Uruguai como principal origem das importações brasileiras de lácteos). Segundo, porque ainda no dia 03/11 o MAPA enviou um Memorando-Circular nº 11/2017 às suas unidades relacionadas ao tema comunicando o restabelecimento dos procedimentos normais para importação de leite e seus derivados do Uruguai.

Importação brasileira de lácteos segundo as principais origens – Jan/out - 2013 a 2017							
País	Janeiro a outubro					Participação (%)	
	2013	2014	2015	2016	2017	2016	2017
	Toneladas						
Argentina	61.129	50.727	51.639	78.443	66.872	38,7	45,1
Uruguai	54.446	25.904	53.616	105.306	64.899	52,0	43,8
Chile	3.804	2.748	625	5.465	3.765	2,7	2,5
EUA	3.609	1.516	2.150	5.015	3.202	2,5	2,2
Nova Zelândia	988	1.180	1.414	2.916	3.117	1,4	2,1
França	2.986	1.461	1.594	1.750	1.981	0,9	1,3
Holanda	899	1.236	884	703	1.255	0,3	0,8
Canadá	692	1.009	412	1.174	1.032	0,6	0,7
Finlândia	68	0	0	0	456	0,0	0,3
Paraguai	3.504	0	0	1.100	450	0,5	0,3
Outros	970	837	797	753	1.150	0,4	0,8
<b>Total</b>	<b>133.097</b>	<b>86.619</b>	<b>113.130</b>	<b>202.625</b>	<b>148.180</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Fonte: MDIC /Secex/Sistema Aliceweb.

Na realidade, considerando aspectos como: o fato de ser regado por um acordo de décadas (Mercosul), a fragilidade das argumentações sobre a possível triangulação de leite para exportações por parte do Uruguai, os tradicionais posicionamentos políticos e as ações do Brasil sempre favoráveis a ampliação da abertura comercial do mercado agrícola no âmbito da Organização Mundial do Comércio (OMC), o afogadilho e a baixa discussão acerca da necessidade/viabilidade das restrições às importações de lácteos uruguaios no âmbito da estrutura do governo federal, a forte reação do governo do Uruguai, era previsível que a medida cairia rapidamente.

Menos mal que ao mesmo tempo em que ela sucumbiu, ganhou força a análise de alternativas que possam ser utilizadas neste momento e em outras oportunidades em que o problema se repetir, entre as quais uma linha de crédito destinada a estocagem de leite pelas indústrias.

No que diz respeito ao mercado interno, considerando que a queda dos preços dos lácteos no varejo estimulam o crescimento do consumo e que os baixos valores dos lácteos no mercado atacadista e recebidos



pelos produtores (sobretudo nos meses de setembro e outubro), combinados com pressões de custos, estão impactando negativamente sobre a produção/oferta atual e devem continuar impactando sobre a produção/oferta futura, a perspectiva é de que de ora em diante tanto os preços no atacado como aos produtores alcancem patamares mais elevados que os dos meses recentes.

Na última reunião do Conseleite/SC (realizada no dia 19/10), comparativamente às reuniões dos últimos meses, já houve sinalização de estabilidade nos preços de referência aos produtores e na reunião desse mês de novembro (a ser realizada na semana que vem, dia 23/11) se espera que haja uma sinalização mais clara de recuperação de alguns preços no mercado atacadista e, conseqüentemente, nos preços de referência aos produtores.

<b>Leite padrão - Preços de referência do Conseleite de Santa Catarina - 2015-17</b>					
<b>Mês</b>	<b>R\$/litro na propriedade com Funrural incluso</b>			<b>Var. %</b>	
	<b>2015</b>	<b>2016</b>	<b>2017</b>	<b>2016/15</b>	<b>2017/16</b>
Janeiro	0,7744	0,9546	1,0783	23,3	13,0
Fevereiro	0,7866	1,0154	1,1096	29,1	9,3
Março	0,8614	1,0652	1,1412	23,7	7,1
Abril	0,8843	1,1166	1,1693	26,3	4,7
Maiο	0,8875	1,1430	1,1733	28,8	2,7
Junho	0,9347	1,3363	1,1394	43,0	-14,7
Julho	0,9278	1,5500	1,0617	67,1	-31,5
Agosto	0,9131	1,3248	1,0189	45,1	-23,1
Setembro	0,8978	1,1051	0,9374	23,1	-15,2
Outubro	0,9024	1,0461	0,9138	15,9	-12,6
Novembro	0,9308	0,9993		7,4	
Dezembro	0,9387	1,0333		10,1	
<b>Média</b>	<b>0,8866</b>	<b>1,1408</b>		<b>28,7</b>	

Outubro/2017: Valor projetado.

Fonte: Conseleite/SC